

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

REDES SOCIAIS E PRÁTICAS ESCOLARES:
plataformas para uma Geografia *Online*

Élida Pasini Tonetto

Porto Alegre, novembro de 2013.

Élida Pasini Tonetto

REDES SOCIAIS E PRÁTICAS ESCOLARES:
plataformas para uma Geografia *Online*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Ivaine Maria Tonini

Porto Alegre, novembro de 2013.

Élida Pasini Tonetto

REDES SOCIAIS E PRÁTICAS ESCOLARES:
plataformas para uma Geografia *Online*

Aprovada em 04 de novembro de 2013.

Profa. Dra. Ivaine Maria Tonini – Presidente da Banca

Profa. Dra. Roselane Zordan Costella – UFRGS

Profa. Dra. Ligia Betriz Goulart – FACOS

Profa. Dra. Rosa Elisabete W. Martins – UDESC

CIP - Catalogação na Publicação

Pasini Tonetto, Élide
Redes Sociais e Práticas Escolares: Plataformas
para uma Geografia Online / Élide Pasini Tonetto. --
2013.

87 f.

Orientadora: Ivaine Maria Tonini.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências,
Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre,
BR-RS, 2013.

1. Geografia Online. 2. Tecnologias. 3. Práticas
Escolares. 4. Redes. I. Tonini, Ivaine Maria,
orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Para não correr o risco de ser injusta e esquecer de pessoas que de alguma forma contribuíram para a finalização desta etapa, dividirei estes sinceros agradecimentos em grupos, e mesmo as que não tiverem seus nomes citados gostaria que se sentissem homenageadas através do bloco ao qual se inserem.

Grupo da UFRGS

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia

Pela oportunidade de crescimento intelectual e pessoal, oferecendo acesso e compartilhamento a reflexões e experiências com seus membros, professores e alunos.

A minha orientadora Ivaine

Por me apresentar lentes teóricas tão instigantes, além do apoio, confiança, parceria, amizade e atenção dedicada a mim durante todo o percurso que percorremos juntas.

A Banca Examinadora Roselane Zordan Costella, Rosa Elisabete Militz Wypczynski Martins e Ligia Beatriz Goulart

Pela disposição e empenho em se fazerem presentes nesta banca e trazerem suas contribuições para este estudo. De modo especial a Professora Ligia que auxilia, acredita e acompanha minha caminhada desde os tempos de graduação na Faculdade Cenecista de Osório – FACOS.

A todos(as) os colegas

De modo muito especial a Ana e Débora pela amizade, incentivo, apoio, reflexões, desabafos e parceria estabelecidas desde os tempos de especialização em 2011.

Grupo Escolar

A Escola Estadual de Ensino Médio Arthur da Costa e Silva

Por abrir as portas para a realização das práticas que constam neste estudo. E, além disso, por ser o lugar onde passei muitos anos realizando minha formação nas etapas do ensino fundamental e médio.

Aos colegas da Escola Arthur, em especial aqueles que foram meus mestres quando era aluna desta escola.

Aos alunos, em especial aos que participaram do estudo.

Aos ex-colegas da Prefeitura Municipal de Capivari do Sul pela ajuda e apoio no período em que nessa instituição fui servidora.

Grupo Familiar

Ao meus pais: Heládio e Ivanir.

Aos meus irmãos: Élder, Eusébio e em especial ao Élvis pelas artes gráficas da capa.

Ao meu companheiro: Pedro.

Demais familiares...

Pelo apoio incondicional as minhas decisões e paciência nas ausências necessárias à imersão nos estudos. E principalmente por me apontar o estudo como um caminho...em especial a minha mãe Ivanir, a quem digo que todas as palavras ditas neste momento seriam insuficientes para agradecê-la.

As demais pessoas que cruzaram as redes (*online/offline*) da minha caminhada acadêmica, profissional e pessoal até este momento.

Sermos contemporâneos não é uma tarefa isenta de riscos: se estivermos atentos aos sinais do mundo, talvez tenhamos a sorte de eles nos perturbarem a ponto de suscitarem o pensamento; mas isso só ocorrerá se conseguirmos escapar dos perigos que aparecem quando pisamos terrenos tão pantanosos sem evitar a complexidade dos fenômenos nem desprezar suas contradições. O desmoronamento em curso é doloroso e desconcertante, mas, a partir dessa abertura a visão se expande para outras direções. Em consequência disso, os caminhos podem se multiplicar.

(SIBILIA, 2012)

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar as potencialidades e operacionalidades das redes sociais para as práticas escolares da Geografia. Para isso, se utilizou dos materiais coletados nas práticas desenvolvidas entre os espaços escolares das aulas de Geografia e da rede social *Facebook*, realizadas com uma turma do segundo ano do ensino médio da Escola Estadual Arthur da Costa e Silva em Capivari do Sul/RS. Tal temática se justifica pela significativa presença das tecnologias da comunicação e informação em suas bases digitais na sociedade contemporânea, sendo um dos mecanismos que vem colaborando para o enfraquecimento de valores e instituições tradicionais forjadas durante a modernidade. Deste modo, a escola, um dos pilares da sociedade moderna, também vem sofrendo as implicações de tais tecnologias. Considerando os desafios desse espaço/tempo que caracteriza a sociedade contemporânea, esta dissertação foi desenvolvida procurando pensar as práticas escolares da Geografia na interface entre rotinas escolares solidificadas e modos mais fluidos de ser/estar/aprender, vivenciados pelos alunos. O percurso teórico-metodológico utilizado se ampara nas pesquisas pós-críticas em educação e as análises, bem como a coleta de dados foram efetivadas através das ferramentas da etnografia educacional e da netnografia. Dentre os resultados destaca-se as potencialidades propiciadas pelas práticas escolares da Geografia com/através das redes, como autonomia, autoria individual e coletiva, interatividade em diferentes níveis, hipertextualidade, visibilidade e reusabilidade dos materiais construídos, que podem ser (re)utilizados para diversos fins didáticos, além de possuírem acesso e *layout* de fácil uso. Observa-se também que as redes dispõem de operacionalidades, ou seja, ferramentas que efetivam as referidas potencialidades, e que podem ser apropriadas de diferentes maneiras por professores e alunos, dentre elas se destacam: as contas de usuários, o curtir, o comentar, o compartilhar e as páginas, cada uma com funções e usos construídos ao longo dos caminhos e rotas das práticas. Os potenciais das redes sociais para a Geografia, analisados neste estudo, não são apenas um instrumento a tecnificar as aulas, mas uma possibilidade de mudar a prática comunicativa entre professores e alunos. Neste sentido, estas redes demonstraram que suas potencialidades e operacionalidades podem contribuir para a mudança de *status* das aulas de Geografia: de *offline* para *online*, ou seja, conectar as práticas escolares da Geografia aos modos e linguagens contemporâneas.

Palavras – Chave: Geografia *Online* – Redes – Práticas escolares – Tecnologias.

ABSTRACT

This study aims to analyze the potentiality and operationality of online social networking for school practices of Geography. For this, we used the materials collected in the practices developed between the spaces of school Geography lessons and social network Facebook, conducted with a group of second year high school Arthur da Costa e Silva School in Capivari do Sul/RS. This theme is justice for the significant presence of communication technologies and digital information in their databases in contemporary society, and a mechanism that has been working for the weakening of traditional values and institutions forged during modernity. Thus, the school, one of the pillars of modern society, also has been suffering the implications of such technologies. Considering the challenges of this time / space that characterizes contemporary society, this thesis has been developed trying to think school practices of Geography at the interface between school routines solidified and more fluid ways of being / living / learning, experienced by students. The course is theoretical and methodological supports research in post-critical in education and the analyzes such data collection were effected through the tools of ethnography and educational netnography. Among the results are highlight the opportunities afforded by the school practices of Geography with / through networks, such as autonomy, individual and collective authorship, interactivity at different levels, hypertextuality, visibility and reusability of materials constructed, which can be (re) used for several teaching purposes, in addition to having access and easy to use layout. It is also observed that the networks have operationality, in other words, tools that actualize these potentialities, and that may be appropriate in different ways by teachers and students, among them are: the accounts of users, like the review, the share and the pages, each with functions and uses built along the paths and routes of pages. The potential of social networks for Geography, analyzed in this study, are not just an instrument to leave practical classes, but a possibility to change the communicative practice between teachers and students. In this sense, these networks have demonstrated their potential and operationality can contribute to the change of status of Geography lessons: from offline to online, or connect school practices of Geography and the ways contemporary languages.

Keywords: Geography *Online* – Networks - School Practices-Technologies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Escola Moderna	19
Figura 2 - Estrutura rizomática	22
Figura 3 - Redes.....	29
Figura 4 – Modelo de Diário de Campo.....	40
Figura 5 - Desenho teórico - metodológico da pesquisa	44
Figura 6 - Comentário da Prefeitura Municipal de Capivari do Sul.....	47
Figura 7 - Enquete.....	51
Figura 8 - Iluminação do Bairro Jardim Formoso	54
Figura 9 - Aula no Laboratório de Informática	57
Figura 10 - Exemplos de “curtidas” nos trabalhos	58
Figura 11 - Exemplo de "curtidas" nos trabalhos.....	59
Figura 12 - Ferramenta "Comentário".....	60
Figura 13 - Configurações da Linha do Tempo	60
Figura 14 - Geografia <i>Online</i>	66

SUMÁRIO

1. PRIMEIROS CLIQUES:.....	6
EDITANDO O PERFIL.....	6
2. CONFIGURANDO OS ESPAÇOS DA PESQUISA.....	12
2.1. Da Escola	13
2.2. Das Redes	20
2.3. Dos modos de ser/estar e aprender.....	30
4. A SALA DE AULA E O <i>FACEBOOK</i> :.....	45
ENTRE AS PAREDES E AS REDES	45
4.1 Das Potencialidades.....	48
4.2 Das Operacionalidades.....	56
5 <i>OFFLINE E ONLINE!</i>	62
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES... ..	62

1. PRIMEIROS CLIQUES: EDITANDO O PERFIL

Os caminhos trilhados por mim até este ponto (mestranda) contribuem para o delineamento desta pesquisa. Neste sentido, é pertinente dizer que possui licenciatura em Geografia pela Faculdade Cenecista de Osório (FACOS), e especialização em *O Ensino de Geografia e História: saberes e fazeres na contemporaneidade* pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), também atuo como professora de Geografia na Rede Estadual de Educação do RS, em Capivari do Sul – RS, desde novembro de 2012.

No decorrer deste processo formativo, enquanto aos poucos passo a constituir-me como professora de Geografia, toda a bagagem teórica, as reflexões e as trocas com a orientadora, com os colegas e professores foram aos poucos delineando as trilhas desta investigação. No entanto, a entrada em sala de aula e as vivências no/do espaço escolar definiram as direções efetivas que decidi tomar nesta pesquisa, a prática/reflexiva alertou para os desafios da educação e do ser professor de Geografia nesses tempos líquidos¹.

De tal modo ao refletir sobre uma problemática de estudo que pudesse colaborar para pensar esta macro preocupação, lancei olhares no espaço escolar, e nele percebi diferentes questões/desafios que poderiam ser estudados/pensados. Contudo, dentre tantas inquietações surgidas, a que permaneceu mais latente foi aquela relacionada aos modos de viver dos jovens, permeados por novas maneiras de comunicar e informar, em especial através de dispositivos móveis que oferecem acesso a internet, permitindo intensa interação comunicativa entre eles.

A inquietação aumentou quando percebi as grandes diferenças de apropriação das tecnologias entre as práticas efetivadas pela escola e as práticas e posturas dos alunos. Enquanto os alunos e alguns professores estão conectados e em interação através de seus dispositivos (celulares, *tablets*, *notebooks*), por outro lado percebo a escola com certo temor em recorrer a tais tecnologias em seu dia-dia, e de modo especial em suas práticas.

¹ Termo utilizado por Bauman (2001), neste estudo é empregado para designar o tempo contemporâneo.

Percebo um panorama onde os alunos são de certo modo “*online*” e vivem na condição da sociedade contemporânea e ao mesmo tempo a escola não conseguindo viver/por em prática plenamente esta condição, além de entrar em confronto diário com elas. Acredito que pensar em práticas escolares que possam contribuir para a diminuição desta distância pode colaborar para a construção de uma aprendizagem mais conectada ao nosso espaço/tempo.

No entanto, penso que a discussão sobre este arsenal tecnológico que penetra nas escolas e permeia as relações entre seus membros, vai além do simples ato de acessar, podendo ser identificada como uma questão que, vem gerando diferentes debates na sociedade contemporânea. Neste sentido, entendo que de distintas formas, setores da sociedade e pesquisadores de diversas áreas do conhecimento vêm se propondo a pensar a questão das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e suas repercussões e implicações em seus campos de atuação.

Ao lançar olhares mais atentos para esta temática, foi possível perceber muitas indicações que exemplificam a preocupação de alguns campos de conhecimento frente os desafios colocados pelas TIC em suas plataformas digitais. No decorrer da pesquisa os sinais foram me inquietando cada vez mais, por exemplo, em um programa televisivo no canal *Globo News* a apresentadora Mirian Leitão (2013) apresenta como tema de debate “O futuro do jornalismo profissional ante a revolução digital. Neste momento só sabemos uma coisa: A revolução vai continuar.”

Mais especificamente nas discussões da Geografia escolar em suas tramas de ensino e aprendizagem foi possível perceber algumas aproximações das tecnologias digitais em pesquisas realizadas. Preocupação significativa neste sentido é discutida nos estudos de Giordani (2010), que aborda os Objetos de Aprendizagem - OAs na Geografia escolar, e trabalha no sentido da proposição e desenvolvimento de OAs via autoria de alunos em ambiente escolar. Nos estudos de Audino (2012) evidenciam-se também discussões sobre OAs, onde ele aplica e avalia os mesmos sob o ponto de vista cartográfico no Ensino Fundamental. Já Vallerius (2011) trabalha com as redes sociais e discute a questão da identidade territorial posicionada no *Orkut*, evidenciando o hibridismo de tais identidades do mundo real e virtual, bem como a fluidez destas identidades na pós-modernidade.

Outras inúmeras sinalizações sobre as implicações das TIC começaram a afetar-me nos mais diversos espaços, extrapolando as observações realizadas na escola. Surgiram inquietações tanto a partir das discussões e leituras acadêmicas, quanto no meu cotidiano e nas vivências com familiares, amigos e colegas atravessadas pelas TIC em suas bases digitais (Televisão, *sites*, *Facebook* e outros). De um modo em que já não era mais possível me desvincular das inquietações que são tecidas nesta pesquisa.

A imersão em algumas leituras me fez refletir que a sociedade que vem gerando e ao mesmo tempo sendo gerada por estas mudanças, é como nos diz Bauman (2001) mais líquida, leve e fluída do que foi ou pretendia ser a sociedade moderna. A *'Fluidity' is the quality of liquids and gases* (BAUMAN, 2000, p. 01) e serve de metáfora para compreender a forma não estruturada e permeada por inseguranças desta sociedade, se contrapondo a ideia de solidez e de predomínio da racionalidade que marcou a modernidade.

A partir destas ideias configura-se o contexto entendido neste estudo como contemporaneidade, que vem enfraquecendo valores e instituições tradicionais, através de mecanismos como o consumo de massa, a tecnologia e a informação. E a escola como integrante desta sociedade (e deste espaço/tempo) não está imune do que com ela ocorre, sendo o seu reflexo e ao mesmo tempo o lócus onde a reflexão e discussão sobre esta mesma sociedade pode ocorrer. Neste sentido, pensar sobre as potencialidades das tecnologias na educação escolar é pertinente para encaixar a escola aos modos de se comunicar/agir/aprender dos jovens usuários (produtos/produtores) de tais tecnologias.

Diante deste cenário, a escola enfrenta o enorme desafio de não ficar alheia e simplesmente ignorar estes novos potenciais tecnológicos que adentram seu espaço, com diferentes formas de acessar a informação e até mesmo de construir o conhecimento, e sim pensá-los em seus processos de planejamento e de práticas.

Ao refletir sobre um estudo que pudesse contribuir para pensar a escola, a Geografia e as TIC, o recorte foi um “sinistro” necessário ao andamento da pesquisa científica. Entre tantos caminhos possíveis, considerei relevante, no que se refere à aproximação das TIC e a Geografia, uma investigação sobre as chamadas redes sociais, pois estas têm sido aderidas e apropriadas pelos jovens, que através delas vem construindo novas maneiras de comunicar e de se constituírem como sujeitos.

Após intensos olhares, inúmeras inquietações e diversos diálogos comigo mesmo, com a orientadora, colegas da pós-graduação, de profissão e alunos, chego finalmente a questão/problema de pesquisa a qual me debruço: Quais as potencialidades e operacionalidades das redes sociais nas práticas escolares da Geografia?

Deste modo, a rede social *Facebook* será o lócus deste estudo para investigar maneiras possíveis de movimentar práticas escolares da Geografia em outras direções. Esta busca tem a intenção (ainda que pontual), de procurar caminhos para a construção de novas práticas escolares em Geografia, que possam contemplar sujeitos/alunos imersos em um espaço/tempo, em que as relações são cada vez mais mediadas por instrumentos tecnológicos digitais.

Com esta direção do estudo delineada adoto uma pertinente ideia de Santos, que é perfeitamente aplicável aos intuitos desta pesquisa, a qual a autora afirma em relação ao seu próprio estudo

o objetivo desta análise não é simplesmente condenar as instituições envolvidas; é, sobretudo, convocá-las, principalmente os colegas pesquisadores, a criarem e gerirem experiências em *e-learning* que realmente utilizem as potencialidades do ciberespaço e dos AVAs para que possamos imprimir de fato novas relações de aprendizagem *online*, seja na potencialização das práticas curriculares e pedagógicas presenciais e/ou em EAD. (2005, p. 96).

Tomando emprestadas estas reflexões e aceitando o convite de criar novas relações de aprendizagem *online*, sejam elas presenciais ou em educação à distância - EAD, procuro construir uma investigação que possa pensar as potencialidades das TIC nas práticas escolares da Geografia.

A escola é o outro espaço de investigação desta pesquisa, a fim de refletir sobre os elementos nela existentes que contribuem ou não para a inserção de práticas com redes sociais na Geografia, direcionadas para uma aprendizagem mais encaixada ao mundo contemporâneo. Com essa direção/caminho busquei contribuir com reflexões acerca de práticas escolares preocupadas com o nosso tempo, que vive significativas mudanças, especialmente nos modos de ensinar e aprender, nos quais as novas tecnologias da comunicação e informação são uma das grandes responsáveis.

Neste sentido, a presente pesquisa tem como objetivo central: analisar as potencialidades e operacionalidades das redes sociais para as práticas escolares da

Geografia. Como objetivos específicos, destaco: (a) identificar as potencialidades oferecidas pelas redes sociais para as práticas escolares da Geografia; (b) avaliar a operacionalidade das redes sociais nas práticas escolares da Geografia; (c) relacionar as configurações do espaço e ciberespaço na contemporaneidade.

Todas estas observações revelam as diferentes possibilidades e desafios considerados por este estudo ao se aventurar na fluidez das redes sociais, contribuindo para complexificar e pluralizar as potencialidades destas redes na Geografia (TONINI, 2010). Realizando também uma reflexão acerca dos processos de interação entre pessoas, mediados por um novo instrumental, que modificam as formas de comunicar e subjetivam sujeitos com novos modos de ser/estar no mundo (SIBILIA, 2012).

Para atender as demandas exigidas pela escrita, as discussões e problematizações acerca do tema deste estudo estão organizadas em cinco capítulos. No primeiro capítulo *Primeiros cliques: editando o perfil*, são realizadas algumas considerações a respeito das indagações e preocupações que me levaram a escolha da temática e o delineamento dos objetivos da investigação.

No capítulo dois *Configurando os espaços da pesquisa* são explicitados os espaços fundamentais por onde se efetivou este estudo, ou seja, a escola e as redes, representadas na prática pela Escola Estadual Arthur da Costa e Silva e pela rede social *Facebook*. Este capítulo é subdividido em três partes, *Da escola* no qual destaco as questões referentes aos propósitos e objetivos pelas quais foi criada e gerida a escola e seu funcionamento geral, enquanto instituição até desembocar em sua atual crise. No subcapítulo *Das redes* são discutidas as principais tramas que permeiam as redes, como, espaço/ciberespaço, tecnologias analógicas/digitais e formatos de comunicação emergentes destas tecnologias, em especial das redes sociais. Em seguida destaco *Os modos de ser/estar e aprender* engendrados pela utilização dos novos instrumentais que permeiam o mundo contemporâneo.

No terceiro capítulo *Trilhando e Navegando: Percursos e rotas da pesquisa*, apresento o suporte teórico-metodológico que forneceu esteira ao estudo, explicitando os modos pelos quais trilhei pelo espaço escolar e naveguei pelo ciberespaço das redes sociais. Deste modo, evidencio as ferramentas metodológicas utilizadas para coletar os dados dos materiais empíricos escolhidos, ou seja, as práticas escolares da Geografia na sala de aula e no *Facebook*.

O capítulo quatro *A sala de aula e o Facebook: entre as paredes e as redes* apresenta as práticas escolares desenvolvidas nas aulas de Geografia e os critérios de seleção que orientaram a construção dos eixos de análise propostos nos objetivos, os quais são apresentados no subcapítulo *Das potencialidades*, em que elas são evidenciadas através dos trabalhos construídos e analisadas a partir da sua visualização em cada grupo de alunos. Já no eixo de análise *Das operacionalidades* são apontadas e discutidas as principais ferramentas presentes na rede social *Facebook* utilizada no decorrer da investigação, e que operacionalizaram as potencialidades presentes na referida rede social.

No último capítulo intitulado *Offline e Online! Algumas considerações*, realizo reflexões suscitadas ao longo do percurso investigativo, não são respostas aos questionamentos da própria pesquisa, mas algumas possibilidades experimentadas e vivenciadas enquanto professora/pesquisadora de Geografia que buscou/busca conectar a sala de aula ao mundo contemporâneo. E que percebe que há ainda um longo caminho a percorrer para que estas potencialidades sejam plenamente vivenciadas na escola.

2. CONFIGURANDO OS ESPAÇOS DA PESQUISA

Esta pesquisa transita por dois espaços fundamentais: o escolar e o das redes. Espaços estes que têm sido mostrados em vários estudos (SANTOMÉ, 2013; SIBILIA, 2012; SILVA, 2012; VEIGA-NETO, 2008) como pertencentes a tempos diferenciados, onde seus participantes não conseguem ter um encaixe capaz de permitir diálogos e práticas escolares mais interessantes e significativas. Como o contexto de cada espaço ajuda a esculpir seus sujeitos com modos de ser e estar no mundo, estar em espaços e tempos contemporâneos possibilita gerar novos formatos de aprendizagem.

Deste modo, o espaço da escola é discutido em seu sentido institucional, sendo analisada a crise que se estabelece nesta instituição nos tempos em que estamos vivenciando, tempos de transição entre pensamentos herdados da modernidade e entre novas formas de pensar/agir advindas do emergente pensamento contemporâneo. O termo crise é utilizado no sentido de uma ruptura, para entendê-la se discute o mal estar presente no posicionamento de dois importantes atores do cenário escolar: professores e alunos.

O espaço das redes é entendido como os laços e conexões estabelecidos entre as pessoas, que vêm sendo potencializadas pelas tecnologias digitais. Neste sentido as redes sociais são tomadas neste estudo como um importante nó destas redes e um complexo instrumento contemporâneo que permite analisar os modos de comunicar dos sujeitos que transitam por elas.

Com estas reflexões pavimento este capítulo, no qual apresento algumas pesquisas e teorizações já produzidas em torno deste tema, com alguns meandros que ora se conectam, ora se aproximam e ora até mesmo se distanciam, mas que promovem olhares diversos que contribuem para a temática desta pesquisa. Após a análise da instituição escola e das redes como locais primordiais desta investigação, foco na questão das formas de aprender suscitadas por estes espaços, e o quanto é desafiante pensá-las nas práticas escolares da Geografia.

2.1. Da Escola

Pensar na escola enquanto instituição é pertinente para analisar o contexto que fez emergir este estabelecimento e os propósitos para qual foi criado, bem como que tipo de corpos vem ajudando a esculpir desde sua criação. Contribuindo para analisarmos o momento em que nos encontramos, e como nossas práticas e posicionamentos estabelecidos no contemporâneo, contribuem (ou não) para forjar determinados sujeitos.

Deste modo, percebe-se que a criação da escola é datada historicamente e no momento de sua invenção, bem como no decorrer de sua consolidação houve um entorno sociocultural, econômico e político que justificou sua missão enquanto instituição. Nesse sentido, Sibilia (2012, p. 11) colabora ao afirmar que “essa localização histórica remete principalmente à segunda metade do século XIX e boa parte do XX, ou seja, um denso bloco temporal durante o qual esta instituição irradiava ares de plena solvência”, onde fez frente aos chamamentos das expectativas solicitadas para a época.

Logo, a escola foi concebida para atender um conjunto de demandas peculiares do projeto histórico da modernidade, um plano grandioso e ousado, que pensou para a sociedade que forjava os ideais de igualdade, fraternidade e democracia. Deste modo, no decorrer da Modernidade, a escola mostrou-se uma grande “maquinaria social e cultural, ou seja, um grande conjunto de “máquinas” que, operando articuladamente entre si, desempenharam um papel crucial para a formação política, cultural e econômica da sociedade ocidental”, como pondera Veiga-Neto (2008, p. 40).

Não somente a escola, mas outras instituições, como a família, a fábrica, as prisões e o Exército, amparadas pelo potente Estado Nacional assumiram a missão de educar o cidadão, estes são locais de empreendimento para constituir sujeitos a partir de uma ordem. Para tal, criou-se um programa que se assentava com fixidez na disciplina, relatada por Veiga-Neto (2008), além de instrução e civilidade inspiradas na pedagogia de Kant, para tal tarefa

[...] era preciso alfabetizar cada habitante da nação no uso correto do idioma pátrio, por exemplo, a se comunicar com seus contemporâneos e com as próprias tradições por intermédio da

leitura e da escrita. Além disso, era necessário instruir todos para que soubessem fazer cálculos e lidar com os imprescindíveis números. Em suma, um conjunto de aprendizagens úteis e práticas, que foram substituindo uma multidão de dogmas e mitos sem respaldo científico ou cuja inutilidade se tornava flagrante, ou seja, aquilo que já não servia para nada, após ter perdido o substrato cultural que antes lhes dera sentido. Por último, embora não menos essencial, era preciso treinar os homens do futuro nos usos e costumes ditados pela virtuosa “moral laica” desfraldada pela burguesia triunfante: um cardápio inédito de valores e normas que se impôs com esse imenso projeto político, econômico e sociocultural.” (SIBILIA, 2012, p. 18).

Com esta receita se moldava o sujeito moderno que era capaz de transitar pelas diversas instituições com tranquilidade, após ter sido educado e civilizado por elas, a qual a escola desempenhou importante papel. A base do plano moderno incluía “encerrar os indivíduos num espaço delimitado por paredes, grades e fechaduras, com o interior idealmente diagramado para os fins específicos de cada instituição, em intervalos regulares de tempo, cujos limites e pautas devem ser igualmente estritos” (SIBILIA, 2012, p. 28). Deste modo, desde muito cedo as pessoas começaram a aprender a lidar com o tempo e com o espaço de forma adequada as necessidades da modernidade, como pondera Veiga-Neto (2008, p. 47).

Enquanto o audacioso projeto moderno reinava soberano, as escolas funcionavam relativamente bem, no entanto, nos dias atuais é praticamente uníssona a ideia de que as coisas não andam bem na escola, os termos utilizados são variados, mal-estar, crise escolar e outros, mas todos apontam para um desencaixe entre esta instituição moderna chamada escola e os corpos e subjetividades que vêm sendo forjados no contemporâneo (SIBILIA, 2012).

Este tom de mal-estar é posto em evidência no cotidiano das instituições escolares das mais variadas formas, mas especialmente para professores e alunos. Para os profissionais as condições de trabalho são cada vez mais difíceis e desmotivadoras. Castrogiovanni reflete sobre a condição de ser professor hoje: “quando questionamos se é fácil, ou não, ser um sujeito professor(a) na escola de hoje, uma resposta parece ser unânime: há desconforto e desmotivação em relação as condições de trabalho que a sociedade nos apresenta” (2013, p. 36).

Nesta mesma direção Sibilía traz algumas reflexões ao dizer que os professores em muitas situações não sabem como enfrentar este novo cenário,

“assim, além de suportarem a precariedade socioeconômica que assola a profissão em boa parte do planeta, têm que lidar com as aflições suscitadas pelos questionamentos acerca do significado de seu trabalho” (2012, p. 65). Além da dificuldade crescente de estar à altura do desafio que se transformou o trabalho do professor.

De tal modo, “frequentemente, em nosso ambiente de trabalho, principalmente na sala dos professores, nos queixamos que a cada dia que passa parece ser mais desafiante desenvolver a nossa prática docente” reflete também Castrogiovanni (2013, p. 35). Neste cenário, a escola em seus moldes modernos parece estar sendo lentamente corroída e a poeira desta corrosão atinge diretamente os professores, que parecem até mesmo imersos e visualmente perdidos em meio aos seus fragmentos.

Este novo panorama é impactante não somente para professores como também para os alunos, neste sentido Sibilia avalia que para o aluno a sala de aula se converteu

[...] em algo terrivelmente “chato”, e a obrigação de frequentá-la implique uma espécie de calvário cotidiano para os dinâmicos jovens contemporâneos. A apatia e o escasso entusiasmo que eles demonstram em tais contextos seriam sintomáticos dessa falta de sentido, evidenciada também pelas altíssimas taxas de ‘deserção escolar’ que se constata no mundo todo.” (2012, p. 65).

A crise da escola evidenciada através de seus atores, alunos e professores, bem como das demais instituições que lhe davam respaldo está clara, no entanto, o que vem solapando os sólidos alicerces destas instituições, em especial da escola? Que tipo de sociedade temos e que modos esta sociedade vem suscitando que já não se afinam com os moldes escolares modernos? A resposta não é única e simples, porém, há algumas pistas que cotidianamente vem se autocomprovando.

Alguns apontamentos sobre a sociedade contemporânea já foram realizados nestes escritos e contribuem para pensar na corrosão das bases modernas da instituição escolar. As ponderações feitas apontam que as sólidas estruturas escolares estão sendo solapadas em parte por um novo imperativo que se instala a partir da disseminação de um determinado tipo de tecnologia.

Neste sentido Tonini afiança “a sociedade contemporânea está estruturada pela tecnologia. Isto é a ordem do dia para todos os seus segmentos quer no econômico, social ou cultural e em escalas mundiais.” (2013, p. 49). Cabe neste ponto um questionamento pertinente, que tecnologias são estas? Que forças são estas, capazes de corroerem as bases de uma sociedade que se dizia sólida?

Mais uma vez a resposta não é uma tarefa fácil, pois estamos no interior deste processo e delineá-lo claramente não é totalmente possível, mas alguns indícios esboçados por vários pensadores (CASTELLS, 2009; LÉVY, 1999; LEMOS, 2010; SIBILIA, 2012) convergem para um ponto: há uma ruptura entre um mundo estruturado pelas tecnologias chamadas analógicas e outro atravessado pelas tecnologias digitais. Esta ruptura é caracterizada por Castells como uma “*suave transición cultural-demográfica cambia radicalmente desde el momento en que la nueva cultura juvenil se entrevera con la revolución en la comunicación, mediante la emergencia de una cultura digital*” (2009, p.111).

As tecnologias digitais apontadas estão em nosso cotidiano e tratam-se de tecnologias digitais e móveis de comunicação e informação, tais como os aparelhos celulares e os computadores portáteis com acesso à internet, “que alargaram num abismo a fissura aberta há mais de meio século pela televisão e sua concomitante ‘cultura audiovisual’.” (SIBILIA, 2012, p. 14). Esta cultura do audiovisual vem se tornando o grande imperativo dos tempos contemporâneos, e abalando especialmente as estruturas da leitura e escrita em seus formatos tradicionais e analógicos.

Enquanto isso, “embora não tenha permanecido imune a estas fortes convulsões, é inegável que a escola finca seus alicerces sobre aquela ferramenta ancestral que hoje se vê sufocada ante os avanços do audiovisual: a palavra” (SIBILIA, 2012, p.56), se utilizando dela assenta grande parte de suas intervenções na leitura e na escrita.

Ao se prender fortemente ao seu antiquado instrumental, a escola entra em confronto direto com a parafernália digital utilizada pelos jovens, as quais utilizam não somente na escola, muitas vezes burlando suas regras, mas em todos os lugares onde se encontram. Se conectar, as redes sociais, ao *e-mail*, ao GPS e toda a sorte de coisas que a rede permite, sejam através dos celulares, dos *notebooks*, dos *tablets*, agrada e “vicia” os seres contemporâneos.

No entanto, a escola obriga diariamente estes alunos acostumados com a liberdade e as conexões a fazerem justamente ao contrário quando estão em sala de aula: devem permanecer confinados e *offline*, este tempo em que são forçados a permanecerem sob este velho formato, é praticamente uma crise de abstinência, não combina com o ritmo de suas vidas *online*. Neste cenário, o conflito é praticamente inevitável, neste sentido um questionamento se faz pertinente a escola: resistir ao imperativo digital contemporâneo ou abrir-se a ele?

Novamente uma questão espinhosa se coloca a reflexão, as análises realizadas até este ponto colocam que uma resistência por si é inócua, mas se lançar ao mar dos modos contemporâneos é vertiginosamente amedrontador e desafiador. Após tanto tempo de resistência a escola parece estar sendo lentamente corroída em seus principais pilares que serviram ao projeto moderno. No atual estágio que nos encontramos é imprescindível pensar em uma abertura ao novo, pois “se a escola foi durante muito tempo a principal instituição envolvida sistematicamente com a educação e com a produção de subjetividades, ela agora está perdendo terreno para outras instâncias da sociedade”. (Veiga-neto, 2008, p. 54). Esta abertura, no entanto, deve ter cuidados e estar atenta para algumas ponderações, como

por que e para que nossa sociedade – ocidental, moderna, capitalista, industrial – se pôs, naquela época, gerar este tipo peculiar de seres humanos? ... que tipo de modos de ser e estar no mundo são criados agora, no desapontar da segunda década do século XXI?... que tipos de corpos e subjetividades gostaríamos de forjar hoje em dia, pensando tanto no presente quanto no futuro de nossa sociedade?. (SIBILIA, 2012, p. 11).

Estas perguntas infelizmente não possuem respostas definitivas, (nesta fala há um resquício moderno muito forte, pois queremos sempre a solidez e a confiança de saber distinguir entre o certo e o errado, enfim somos sujeitos que vivem no limbo entre estes tempos e não estamos imunes do que neles ocorrem), mas alguns indícios já se apresentam. Pensar sobre o instrumental técnico e seus potenciais é relevante para pensar sobre os novos corpos que serão esculpidos na contemporaneidade, como discute Veiga-Neto (2008, p. 37).

As ideias postas problematizam o quanto pensar a tecnologia na escola não significa um simples modismo ou “um determinismo tecnológico em sala de aula” (TONINI, 2013, p. 50), mas que “trazer essas tecnologias digitais atuais para sala de

aula não se restringe apenas a novidade, a atualização de recurso didático, mas sim uma mudança na forma de pensar, de agir de outra maneira”, como pondera a mesma autora (2013, p. 50). Por todas estas questões a escola com suas práticas deve também estar atenta, como asseveram Costella e Schäffer

as condições contemporâneas de convivências e trabalho em conjunto entre os participantes dos encontros escolares, sobretudo na sala de aula. A tecnologia de informação e comunicação são hoje parte da realidade de quase todos, e precisamos aprender a incorporá-las como instrumentos educativos que nos aproximem das novas gerações, muitas vezes mais à vontade do que nós mesmos. (2012, p.15)

Reiterando mais uma vez, abrir-se ao contemporâneo não se trata apenas de uma atualização instrumental e técnica, mas sim de atender aos alunos que possuem outros modos de ser e estar neste mundo e, talvez com uma forma de sobrevivência da própria escola, o que demanda uma profunda reestruturação da antiquada maquinaria escolar. Mas se com esta remodelação a escola deixa de atender ao projeto moderno, que era claro e definido, porém desgastado, a partir deste momento passa a atender qual projeto? Veiga-Neto e Saraiva contribuem para pensar esta problematização, ao frisarem que

a nossa época, mais do que em qualquer outro momento na história humana, parece ser cada vez mais regulada pela representação cultural e pelo imaginário, a “espetacularização”, o risco e o controle sociais; e, mais do que qualquer outro espaço institucional, a escola parece ainda ser o locus em que tudo isso se combina em poderosos processos de subjetivação. (2011, p. 09).

Essa subjetivação começa aos poucos ser forjada pela empresa capitalista em seu formato neoliberal, conforme Veiga-Neto (2012), neste sentido, aos poucos os novos corpos contemporâneos começam a ser esculpido e preenchidos com um alto grau de “subjetividades empreendedoras capazes de habitarem o mundo do capitalismo cognitivo e do trabalho imaterial”, (SARAIVA, 2012, p. 353). Cabe então, outra questão: se como escola, não seremos mais um braço forte do Estado, então passaremos a atender as mãos invisíveis e sutis do mercado? E do consumismo livre e desenfreado?

Não é o objetivo deste estudo aprofundar esta questão, mas trata-se de uma reflexão importante que se coloca a instituição escolar neste conturbado

momento de transição que nos encontramos. Inquietações como estas podem contribuir para suscitar outro modo de conceber a escola, que fuja do binarismo e possa se valer do sólido moderno e do líquido contemporâneo, figura 1. Como realizar esta transformação? Ainda não sabemos, mas é um entre tantos caminhos que temos e pela qual este estudo procurar contribuir.

Figura 1 - Escola Moderna



Organização: TONETTO, 2013.

2.2. Das Redes

Em geral me consideram um otimista. Estão certos. Meu otimismo, contudo, não promete que a Internet resolverá, em um passe de mágica, todos os problemas culturais e sociais do planeta. (LÉVY, 1999, p. 11).

Os dizeres do autor no excerto acima sobre a Internet e o imperativo do digital que se instala no mundo atual demonstram não resolverem de forma redentora e imediata os problemas sociais e culturais, pelo contrário, o digital trará outros e ainda mais complexos problemas dos que já existiam no mundo analógico, especialmente para o campo da educação, que nos exigirá um repensar das certezas enquanto professores e escola, como já discutido anteriormente.

Os tempos e espaços contemporâneos se apresentam distintos do período denominado modernidade, neste último as coisas estavam mais claramente identificáveis, tinham mais solidez (metáfora amplamente aceita para definir a modernidade e utilizada por vários autores). Já na contemporaneidade a sensação é de estarmos em meio a incertezas, a tempos e espaços mais líquidos, expressão difundida por Bauman (2001), para se contrapor a ideia de solidez da modernidade. Neste contexto, as paredes² que sustentavam a solidez do mundo moderno vêm sendo substituídas pelas redes que representam a fluidez do contemporâneo.

No entanto, torna-se difícil estabelecer uma definição para o termo rede, pois uma definição sempre é uma tentativa de fixar significado. Pretto ao apontar que “a palavra rede vem do latim *retis*, que significa entrelaçamento de fios com aberturas regulares que formam uma espécie de tecido” (2008, p. 76) expõe uma ideia aberta a ser analisada, sem a dureza de uma definição que fixa um significado único e que contribui para a ideia de rede utilizada neste estudo.

As redes podem ser estabelecidas de distintas formas, podemos formar redes sem a presença da tecnologia, cada pessoa cria suas próprias redes diariamente, rede de familiares, de amigos, de colegas de trabalho, de escola, de faculdade, de conhecidos; enfim, uma série de pessoas as quais nos conectamos em determinados momentos de nossas vidas. O que as tecnologias digitais fazem

² Este termo é utilizado por Paula Sibilia em sua obra *Paredes ou Redes: a escola em tempos de dispersão*, 2012.

neste sentido é potencializar isso tudo, pois esse tipo de tecnologia “mais do que permitir aos indivíduos comunicar-se, ampliou a capacidade de conexão” (RECUERO, 2009, p. 50), assim podemos interagir com a rede por maior período de tempo e em diferentes espaços.

Neste sentido, podemos dizer que “a formação de redes de interação vem atingindo as mais diversas esferas e campos de conhecimento, desde o plano econômico, científico, cultural etc.” (MACHADO, 2005, p. 02). E as tramas deste tecido tornam-se cada vez mais complexas, podendo ser entendidas como conexões que em conjunto formam as redes, potencializadas e complexificadas, sobretudo pela disponibilização de novas tecnologias da comunicação. Com isto

o que chamamos de novas tecnologias de comunicação e informação surge a partir de 1975, com a fusão das telecomunicações analógicas com a informática, possibilitando a veiculação, sob um mesmo suporte o computador, de diversas formatações de mensagens. Esta revolução digital implica, progressivamente, a passagem do *mass media* (cujos símbolos são a TV, o rádio, a imprensa, o cinema) para formas individualizadas de produção, difusão e estoque de informação. Aqui a circulação de informações não obedece a hierarquia da árvore (um todos), e sim a multiplicidade do rizoma (todos-todos). (LEMOS, 2010, p. 68).

Do mesmo modo o autor percebe que “as novas tecnologias devem ser consideradas em função da comunicação bidirecional entre grupos e indivíduos, escapando da difusão centralizada da informação massiva.” (2010, p. 68). Ainda, como características destas tecnologias aparecem as noções de interatividade e descentralização da informação, sendo seus representantes os multimídias, conhecidos em sua versão *offline* (CD-ROM) e *online* (Internet, com inúmeras particularidades: *Web, wap, chats, listas, newsgroups*).

O uso destas novas tecnologias formam redes que se efetivam no/pelo ciberespaço, que em geral é subestimado, considerado como simplesmente um conjunto de redes de telecomunicações inventadas com os processos digitais de veiculação de informações. Porém, ciberespaço não diz respeito somente à infraestrutura necessária ao seu funcionamento, outras facetas e entendimentos o envolvem.

Para uma tentativa de superação do entendimento binário, como destaque neste texto, é relevante inventariar outros modos de compreender o ciberespaço, destaque então, que “podemos entender o ciberespaço à luz de duas perspectivas:

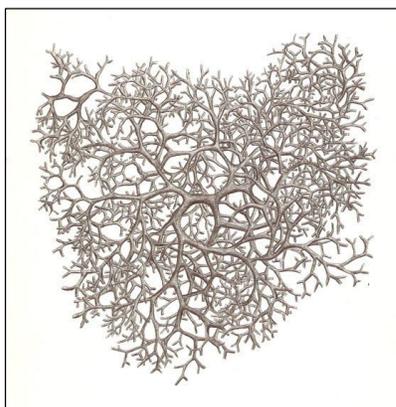
como o lugar onde estamos quando entramos num ambiente simulado (realidade virtual), e como o conjunto de redes de computadores, interligadas ou não, em todo o planeta, a Internet.” (LEMOS, 2010, p. 128).

Neste sentido, o ciberespaço não se trata de um elemento desconectado da realidade e sim um complexificador do real, usando as ideias de Kellogg afirma que é uma realidade aumentada, pois infla o espaço com uma quarta camada eletrônica, além das três dimensões já existentes afixa Lemos (2010). Esta nova camada não tem dimensões definidas e com seus fluxos de informações se sobrepõe aos fluxos materiais já existentes.

No mesmo caminho, Lévy afirma que o termo ciberespaço “especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (1999, p. 17). Diante disso, não é possível definir suas dimensões exatas, muito menos determinar uma estrutura linear ou hierárquica, tendo em vista sua extrema fluidez.

Por sua vez, para Lemos o ciberespaço tem uma estrutura que Deleuze e Guattari chamaram de rizomática. Para Lemos “uma estrutura rizomática é um sistema de multiplicidade, um sistema de bifurcações como um verdadeiro rizoma, uma extensão ramificada em todos os sentidos, sem centro” (2010, p. 136). Neste sentido Lemos ressalta que o rizoma, figura 2, é o que vai caracterizar o ciberespaço, diferente do modelo dos filósofos franceses modernos que foi a árvore, pois com a crise da modernidade o rizoma acaba tomando o lugar da árvore.

Figura 2 - Estrutura rizomática



Fonte: NELMA, 2013.

O ciberespaço pensado a partir da metáfora do rizoma abre possibilidades, para ser entendido não apenas como um aparato técnico ou como um amontoado de informações, mas como

uma incubadora de ferramentas de comunicação, logo, como uma estrutura rizomática, descentralizada, conectando pontos ordinários, criando territorialização e desterritorialização sucessivas. O ciberespaço não tem um controle centralizado, multiplicando-se de forma anárquica e extensa, desordenadamente, a partir de conexões múltiplas e diferenciadas, permitindo agregações ordinárias, ponto a ponto, formando comunidades ordinárias (*quelconques*). As conexões do ciberespaço, assim como aquelas dos rizomas, modificam suas estruturas, caracterizando-se como sistemas complexos e auto-organizantes. Como explica Deleuze e Guattari, a árvore impõe o ser, o rizoma o “e,e,e...” [...] (LEMOS, 2010, p. 136).

Entendo que o modelo da árvore é mais apropriado para pensar os meios de comunicação massivos em seus formatos tradicionais, como a televisão, o rádio, por exemplo, e a metáfora do rizoma é mais adequada para entender o ciberespaço, especialmente a formação das redes, pois são sistemas altamente complexos, espaços onde não é possível definir com clareza o centro, neles os modelos de emissão e recepção são difusos. Porém, percebe-se que os próprios meios massivos (arbóreos) vêm buscando incorporar algumas das formas presentes no ciberespaço (rizomático), com a disponibilização de conteúdos em *sites* e perfis nas redes sociais.

Talvez os meios massivos estejam percebendo que o ciberespaço apresenta uma força, que pode ser considerada social, pois se transformou em um ambiente de compartilhamento comunitário entre as pessoas. Até quando? Não temos como dimensionar, afinal muitas regras vem tentando impor limites mais rígidos ao ciberespaço, bem como grandes corporações, com olhares ávidos e otimistas, vem tentando controlar este promissor nicho de mercado.

Aliás, Massey (2012, p. 142) nos alerta para a chamada “nova política do otimismo” em relação às novas tecnologias, que envolve personagens como Bill Gates (1995), Nicholas Negroponte (1995) e William Mitchell (1995), que discorrem sobre a possível superação eletrônica da divisão social. No entanto “o que essa política do otimismo envolve é uma pressuposição não apenas do espaço como mera distância, mas também sempre como uma carga. Ele é persistentemente,

caracterizado, nesses discursos, como um constrangimento”. A autora ressalta ainda que a distância posta como um constrangimento não deixa lugar para o prazer do movimento ou da viagem. Sobre esta questão alerta Robins *apud* Massey:

a política do otimismo quer livrar-se da carga da geografia (e, junto com ela, da bagagem da história), pois considera a determinação geográfica e a situação como tendo sido fontes fundamentais de frustração e limitação da vida humana e social (2012, p. 198).

O que nos pede Robins é um pouco de cautela ao tratar da comunicação lida através de otimistas digitais, que colocam muitas vezes noções idealizadas, nostálgicas e sem atritos destas comunidades, bem como é relevante ter prudência sobre a importância da materialidade em oposição à virtualidade. Deste modo, Massey (2012) coloca que o ciberespaço pode permitir um tipo de desencaixe, em comunidades não-contíguas de pessoas que fogem de todos os desafios oferecidos pela espacialidade material.

Porém, considerar o espaço somente como uma questão de distância torna-o um constrangimento, que pode ser uma tendência a escapar de um dos mais produtivos/disruptivos elementos do espaço – encontrar o diferente. Para os mecanismos de mercado esta fuga dos constrangimentos do espaço é muito interessante, pois podem reorganizar sua locação e escolherem seus vizinhos, excluindo os que não lhes interessam, tentando uma purificação do espaço e/ou do ciberespaço.

No entanto, “conquistar’ a distância não aniquila, de forma alguma, o espaço, mas levanta novas questões sobre a configuração da multiplicidade e da diferença.” (MASSEY, 2012, p. 144). Para a autora é praticamente impossível a purificação do espaço, uma vez que ele é a “esfera da multiplicidade, o produto das relações sociais, e essas relações são práticas materiais efetivas, e sempre em processo, então o espaço não pode nunca ser fechado, sempre haverá resultados não previstos” (2012, p. 144). A partir desta leitura os imprevistos não ocorreram somente no espaço, mas também no ciberespaço, por mais que sua purificação seja almejada, haverá sempre ambiguidades ocorrendo (vírus, *hackers*, invasões e etc.).

A partir das ideias de Massey não é possível existir um mundo hermeticamente fechado, nem outro composto apenas de fluxos (sem estabilizações, nem fronteiras), e sim que fluidez e fixidez implicam-se mutuamente,

este pode ser um importante referencial para também balizar as relações no ciberespaço, visto por muitos como um espaço fluído por excelência. Assim, é necessário sempre uma negociação das intenções divergentes, que não pode ser considerada como a aniquilação do espaço, mas sim uma outra forma de organizar os desafios que a espacialidade apresenta.

Neste sentido, para Massey há uma vasta literatura sobre o ciberespaço que coloca a desvalorização do espaço, inclusive percebe-se esta desvalorização do espaço em partes dos escritos de Lemos ao se referir que “com o ciberespaço, as pessoas podem formar coletivos mesmo vivendo em cidades e culturas bem diferentes”. (2010, p. 139). No entanto, este fato evidencia que as pessoas não estão superando o espaço, mas simplesmente à distância, e espaço é muito mais que distância, se o pensarmos a partir do entendimento da autora.

Para Massey o contexto da produção e operação do ciberespaço, necessita de qualquer forma ser realizado no solo e não consegue, por mais que tente, retirar do espaço sua fundamental importância, pois como já foi salientado, o mesmo é muito mais que distância. De tal modo, a virtualidade do ciberespaço tem suas raízes na terra, e os dois espaços não podem ser entendidos como camadas separadas uma da outra, ou seja, o “virtual” depende e ao mesmo tempo ajuda a configurar as multiplicidades do espaço físico.

Para compreender melhor este ponto consideramos importante uma distinção feita por Graham (1998) e que Massey utiliza em sua discussão, entre três diferentes maneiras de conceber a relação entre tecnologia da informação e espaço.

Primeiro, há o modo, que consideramos acima, que ele caracteriza como “substituição e transcendência: determinismo tecnológico, interatividade generalizada e o fim da geografia, e que ele critica do início ao fim por seu ingênuo determinismo tecnológico. Segundo, há o modo de “co-evolução: a produção social paralela de espaço geográfico e do espaço eletrônico” que, rejeitando o determinismo tecnológico, estabelece que os espaços eletrônico e territorial são, necessariamente, produzidos juntos. Terceiro, há o modo de “recombinação” que envolve a constituição mútua de tecnologia e esfera social. (2012, p. 146).

Este terceiro ponto é fundamental para o entendimento de um espaço e um ciberespaço construídos e reconstruídos mutuamente. Massey vai além e diz que esta “constituição mútua” não ocorre apenas entre o humano e o tecnológico, mas

também com o que decidimos chamar de natureza que, ao contrário da tecnologia, vem sendo tratada como estável e na verdade não é, trata-se apenas de uma manobra para manter as coisas (especialmente a espacialidade) como vem sendo conduzida e fixada durante a modernidade.

Esta é uma questão que suscita interessante reflexão, pois ao passo que a anunciada fluidez contribui para as mobilidades globais tecnológicas atuarem, a pregação da fixidez da natureza serve de base estável para a manutenção da própria espacialidade construída na modernidade, tendo em vista que o planeta percebido através de seus fluxos orgânicos e inorgânicos não permite. Neste sentido, percebe-se que é possível pensar de outro modo o planeta, sem uma separação entre humano, tecnologia e natureza, muito menos categorizando o que teriam a propriedade da fluidez ou da fixidez, sendo que ambos estão presentes e implicam-se mutuamente.

Com estas discussões podemos perceber que algumas das ideias embasadas em Lemos (2010) apontam para seu encaixe no segundo modo de conceber tecnologia e espaço, ou seja, como uma co-evolução, enquanto Massey (2012) parece estar mais próxima do terceiro modo, que se trata da recombinação.

Este estudo procura realizar um esforço em tratar a relação entre tecnologia e espaço de modo recombinatório, procurando formas de romper com o binarismo, humano/tecnologia, fluidez/fixidez. Mas também considerando inúmeros pontos apresentados por Lemos que contribuem para o entendimento do que seria neste momento o ciberespaço. Especialmente no que se referem as suas potencialidades de leitura enquanto um rizoma, que oferece a possibilidade do “e” e não apenas do “ser” e enquanto um ambiente que apresenta forças sociais de compartilhamento comunitário entre as pessoas.

As redes sociais são um importante e complexo nó para se analisar as redes que se estabelecem no rizomático ciberespaço. Recuero (2009) discute de forma intensa as redes sociais e, segundo seu entendimento elas possuem um conjunto de dois elementos fundamentais que as constituem, são eles os atores, entendidos como pessoas instituições ou grupos participantes, que compõem os nós da rede, e as conexões, ou seja, as interações e laços sociais.

Através da autora, percebe-se que uma rede social “é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores” (2009, p. 25), possuindo uma estrutura

social, em que não é possível abordar separadamente os atores sociais de suas conexões. Estas trocas entre grupos sociais às quais estamos discutindo vem ocorrendo também em ambientes *online*, amparadas por um aparato tecnológico, computadores, conexão a Internet e especialmente *softwares*, que são os programas que operacionalizam as redes sociais *online*. Para exemplificar podemos citar os *softwares* sociais: *Facebook*, *Orkut*, *Sonico*, *Twitter* e etc. Mas, é importante salientar que

embora os sites de redes sociais atuem como suportes para as interações que constituirão as redes sociais, eles não são, por si, redes sociais. Eles podem apresentá-las, auxiliar a percebê-las, mas é importante salientar que são, em si, apenas sistemas. São os atores sociais, que utilizam essas redes, que constituem essas redes. (RECUERO, 2009, p. 103).

Mesmo não sendo a rede social em si, os sites de redes sociais são extremamente importantes para se pensar a metáfora da rede, e a maneira peculiar de se comunicar e trocar informações do sujeito contemporâneo. “A grande diferença entre *sites* de redes sociais e outras formas de comunicação mediadas pelo computador é o modo como permitem a visibilidade e a articulação das redes sociais, a manutenção dos laços sociais estabelecidos no espaço *off-line*.” (RECUERO, 2009, p. 102).

Estes laços sociais efetivam as redes sociais, acelerando e facilitando as trocas de informações entre as pessoas, e atualmente tornarem-se “canais de grande fluxo na circulação de informação, vínculos, valores e discursos sociais, que vem ampliando, delimitando e mesclando territórios” (MACHADO, 2005, p 02). Recuero também reflete sobre esta peculiaridade das redes sociais salientando que

Outro elemento que é característico dos sites de redes sociais na Internet é sua capacidade de difundir informações através das conexões existentes entre os atores. Essa capacidade alterou de forma significativa os fluxos de informação dentro da própria rede. O surgimento da Internet proporcionou que as pessoas pudessem difundir as informações de forma mais rápida e interativa. Tal mudança criou novos canais e, ao mesmo tempo, uma pluralidade de novas informações circulando nos grupos sociais. (2009, p. 116).

Neste sentido, a autora complementa que as redes sociais são sistemas que “funcionam com o primado fundamental da interação social, ou seja, buscando

conectar pessoas e proporcionar sua comunicação e, portanto, podem ser utilizados para forjar laços sociais” (2005, p. 09). Os laços sociais são citados por Recuero (2005), embasada no sociólogo Mark Granovetter, como laços fortes, que seriam os amigos próximos e em geral pertencentes ao mesmo círculo social, e os laços fracos que seriam apenas de conhecidos ou pessoas mais distantes.

Estes amigos com o quais mantemos laços fracos que possibilitariam a criação da rede, pois conectam diferentes grupos sociais, ao contrário o que existiria seriam ilhas isoladas. A partir das discussões de Recuero (2005) teríamos uma tríade, onde dois desconhecidos que possuem um mesmo amigo em comum possuem uma enorme chance de virem a se conhecer, ampliando a rede.

Outra questão pertinente, que não se refere especificamente as redes sociais, mas que pode tranquilamente servir para pensarmos as potencialidades deste tipo de rede também, é a definição de Pretto, ao afirmar que

Entender os princípios que caracterizam uma estrutura de rede fortalece uma perspectiva de análise da realidade, na qual os sujeitos ocupam um espaço significativo de poder, exercendo sua capacidade de alterar essa realidade, a partir das condições constituídas historicamente (2008, p. 77).

Esta ideia traz uma reflexão importante sobre o potencial de se apropriar, gerar e compartilhar informações que as redes sociais possibilitam aos seus usuários, proporcionando a interação definida por Lévy (1999) como Todos-Todos, diferindo-se de outros veículos de comunicação, em que o sistema de interação é do tipo Um-Um ou Um-Todos. Deste modo, uma rede social pode conferir a possibilidade de interferir/transformar de forma diferente determinada realidade, através desta nova lógica interacional oferecida ao usuário.

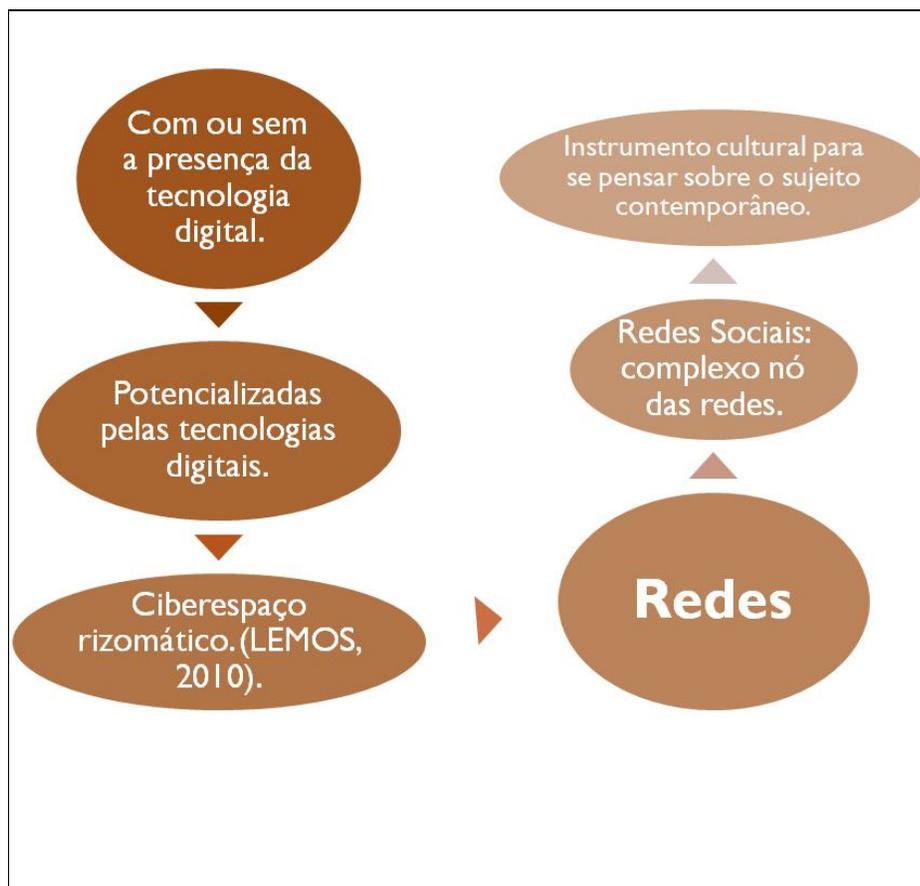
Podem ser pensadas ainda potencialidades das redes sociais no que se referem aos processos de aprendizagem dos sujeitos, mas poucos estudos foram encontrados sobre esta questão. Um potencial foi trazido por Santana

Concebendo a produção de aprendizagem enquanto processo social e que, portanto, acontece em interação com o outro, é que considero de suma importância as relações sociais que se instituem no espaço virtual, mais propriamente em redes sociais da internet. Visto que os sujeitos imersos nestas redes estão em constante intercâmbio com outros sujeitos, comunicando-se, trocando ideias, informações, compartilhando saberes. (2007, p. 06).

Com estas discussões, percebe-se que o tema das redes efetivadas através das tecnologias digitais no ciberespaço, mas claramente visualizadas nas/pelas redes sociais, e o quanto as interações nelas estabelecidas é complexo. Afinal, o que aparentemente serve apenas para comunicar ou divertir pode na verdade ser um excelente instrumento cultural para se pensar sobre o modo de ser/estar/aprender do sujeito contemporâneo.

Estas discussões evidenciam o quanto perceber os alunos enquanto sujeitos imersos nesta nova e complexa realidade torna-se pertinente para a transformação das práticas escolares. Se na sala de aula temos alunos, em outros momentos temos usuários das redes sociais: do *Facebook*, do *Twitter* entre outros, conectados através dos seus dispositivos móveis há um mundo bem diferente daquele que a escola os oferece, neste sentido, se apresenta o instigante desafio de analisar/pensar os modos de ser/estar e aprender destes sujeitos, figura 3.

Figura 3 - Redes



2.3. Dos modos de ser/estar e aprender...

A partir das mudanças discutidas nas páginas anteriores, neste ponto procura-se analisar alguns indícios que apontam outros modos de ser/estar e principalmente aprender vivenciados pelos alunos no contexto contemporâneo. Quem percorre os espaços escolares ouve comentários diários a respeito desta questão, alguns estudiosos, mesmo não tendo como foco esta temática de investigação, tocam neste assunto, pois ele torna-se latente ao falarmos sobre a escola. Mas afinal, como é o aluno ou no que ele está se transformando?

“O aluno é um sujeito *pós-moderno*, sendo assim, são lúdicos, práticos e concretos, adotam metalinguagens; só gostam daquilo que os interessam;” (CASTROGIOVANNI, 2013, p. 37). Bem como alerta o mesmo autor “vivem momentos; acreditam que já sabem tudo ou quase tudo; possuem um tempo menor de concentração. Para eles a estética supera a ética, são narcisistas e disputam os excessos” (2013, p. 37). Ainda sobre os alunos percebe-se que grande parte deles “preferem imagens e sons, compartilham um espaço e um tempo polissêmicos, são simultâneos e multimidiáticos” afiança Castrogiovanni (2013, p. 36). O que vem promovendo estas transformações nos alunos?

Eles passaram a vida inteira cercados e usando computadores, vídeo games, tocadores de música digitais, câmeras de vídeo, telefones celulares, e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital. Em média, um aluno graduado atual passou menos de 5.000 horas de sua vida lendo, mas acima de 10.000 horas jogando vídeo games (sem contar as 20.000 horas assistindo à televisão). Os jogos de computadores, e-mail, a internet, os telefones celulares e as mensagens instantâneas são partes integrais de suas vidas. (PRENSKY, 2001, p. 01).

E eles não conseguem mais se desprender deste arsenal, estas tecnologias realmente parecem fazer parte inseparável dos corpos dos mais jovens, na escola percebemos que

em suas mochilas contém outros materiais além do impresso, como cadernos, livros, lápis e canetas. Ali também tem celulares e MP3, por exemplo, para ficar nos mais corriqueiros. E mais, eles hoje reconhecem as especificidades de cada tecnologia e se adaptam rapidamente a elas e numa disposição multitarefa: respondem às mensagens do celular, ouvem música no MP3, acessam o *Facebook*

e fala com os amigos no skype – tudo ao mesmo tempo (TONINI, 2013, p. 54).

Nesta direção Castells contribui ao ponderar que “la utilización simultánea de Internet, móviles, escucha de música, visión de televisión y a veces lectura o conversación personal” (2009, p.111) é uma prática cada vez mais comum entre os jovens. “Así se está formando un nuevo tipo de mente humana, con una mayor capacidad de simultaneidad y combinatoria, al tiempo que disminuye su capacidad de concentración” (2009, p. 111) ressalta o mesmo autor.

Percebe-se que todas estas características são promovidas e ao mesmo tempo promotoras do meio tecnológico digital, e parecem não se ajustar mais com os meios analógicos massivamente utilizados pela escola, especialmente a palavra, geradora da leitura e da escrita. Mesmo alguns autores que não se dedicam especificamente a temática da tecnologia já alertam para esta questão, ao perceber que

a educação opera com a linguagem escrita e a nossa cultura atual dominante vive impregnada por uma nova linguagem, a da televisão e a da informática, particularmente a linguagem da internet. A cultura do papel representa talvez o maior obstáculo ao uso intensivo da internet, em particular da educação a distância com base na internet. Por isso, os jovens que ainda não internalizaram inteiramente a cultura do papel, adaptam-se com mais facilidade que os adultos ao uso do computador. Eles já nascem com essa nova cultura, a cultura digital. (GADOTTI, 2000, p. 03).

Neste sentido, é pertinente (re)pensar nos moldes tradicionais de nossas práticas, especialmente sobre os modos de ler e escrever dos jovens, pois aos poucos eles estão se reconfigurando numa dimensão que as práticas escolares ainda não conseguiram incorporar. A leitura e a escrita em seus formatos modernos representavam um diálogo consigo mesmo, possuíam um caráter introspectivo, exigia silêncio e alta carga de concentração, era operada nos ambientes privados e solitários do lar, da escola e da biblioteca, tanto a leitura quanto a escrita eram efetivadas através de um instrumental impresso, cartas, diários, revistas, livros, sendo por excelência uma leitura interiorizada, como aponta Sibilia (2012). Sobre este modo de leitura percebe-se algumas rupturas e continuidades em curso.

Deste modo, a leitura e a escrita estão sendo aos poucos reconfiguradas a partir de outros modos de fazê-las, através de outro instrumental técnico que as

oferece suporte, verificamos este comportamento por meio dos alunos, “eles não possuem o hábito de ler livros, mas leem muito na internet” (CASTROGIOVANNI, 2013, p. 38). No entanto, a leitura através do digital é diferente e possui outras finalidades, bem diversas das que se faziam nos livros, de tal modo, verifica-se que

então esses alunos leem e escrevem, sim, mas não efetuam essas tarefas como antes se costumava fazer, não apenas no que concerne à qualidade e à quantidade de trabalho investido, mas também porque partem de outras premissas e apontam para objetivos bem diferentes. Para expor essa ideia com um vocabulário que remete a um paradigma que já não parece ser o deles, parece que esses jovens não pretendem conquistar a civilização ao se alfabetizarem dessa maneira, marcando sua subjetividade a fogo por haverem alcançado tal condição, mas talvez busquem (e até consigam) outra coisa: o fato de dominarem minimamente este instrumental lhes proporciona as competências necessárias para realizar um conjunto limitado, embora bastante útil, de operações práticas (SIBILIA, 2012, p. 72).

Para um jovem imerso neste cenário, ler um livro de maneira tradicional, onde é roteiro, linear e fixo, sem possibilidades de fugas para não perder o entendimento do que está escrito, além de exigir uma concentração e um recolhimento em sua interioridade, é uma tarefa extremamente difícil para o jovem que não costuma lidar com este tipo de leitura em seu cotidiano transmidiático, onde transita por um enorme fluxo de informações (auditivas, visuais, táteis), uma leitura que para Silva (2012) é hipertextual e que exigem habilidades inversas a da leitura tradicional, como exterioridade e descentramento. “Longe de ser disfuncional ou contraproducente, a desatenção é uma atitude adequada ao exercício de tais práticas, de modo que a desconcentração seria um efeito lógico desse contato” (SIBILIA, 2012, p. 77).

Todas essas considerações a respeito da leitura e da escrita demonstram que estas práticas estão se transformando, bem como os seres contemporâneos estão utilizando um conjunto de operações diferenciadas para aprender. Tendo em vista que estes são fenômenos recentes, não há uma grande teoria da aprendizagem que há respalde, mas uma série de apostas através de observações de pensadores do campo da educação e da comunicação. Deste modo sobre as atividades dos alunos contemporâneos

o que se constata, por enquanto, são pouco mais que lugares comuns: “eles estão acostumados a receber informações de maneira realmente rápida”, enumera Prensky, “gostam do processamento de multitarefas, preferem gráficos a textos, priorizam o acesso aleatório, como ocorre no hipertexto; funcionam melhor quando estão em rede; gostam da gratificação instantânea e dos prêmios ou reconhecimentos frequentes; preferem os jogos ao trabalho ‘sério’”. Em virtude de tudo isso, por estarem habituados a velocidade da internet e por “terem estado conectados durante a maior parte de suas vidas”, resulta que “tem pouca paciência para as conferências, a lógica passo a passo e o tipo de instrução baseado em avaliações sobre o que foi ensinado em sala de aula”. (SIBILIA, 2012, p. 75).

Para a instituição escolar lidar com estes sujeitos representantes dos espectros do meio contemporâneo onde estão sendo forjados, atravessados por uma avalanche de informações, imagens e opiniões, torna-se um desafio. Uma vez que ler um livro do início ao fim, verificar um manual de instruções, ouvir uma fala linear ou até mesmo um filme inteiro, sem uma pausa para checar outras informações, é uma tarefa árdua, difícil e “chata” para estes seres contemporâneos.

Brevemente, foi possível analisar que os seres contemporâneos (meus/seus alunos) possuem capacidades diferentes do que a escola costuma lhes exigir, em especial, eles desenvolvem cada vez menos a capacidade da concentração, em compensação extrapolam a habilidade da dispersão, propiciadas pela interatividade, impulsionadas pelos artefatos digitais que permitem ao usuário modificar e intervir nos processos desenvolvidos ou em andamento.

A interatividade também ocorre nos instrumentos analógicos, mas é potencializada nas tecnologias digitais, “podemos notar que a interatividade se situa em três níveis não excludentes: técnico analógico-mecânico, técnico eletrônico digital e social (ou simplesmente interação)” (LEMOS, 2010, p. 114). O que se verifica é que a tecnologia digital possui um diferencial no que se refere à interatividade, pois permite ao usuário não apenas interagir com o artefato (a máquina, as ferramentas), mas com a informação ou o conteúdo, bem como com usuários que podem estar espacialmente dispersos, em tempos infinitamente menores aos propiciados pelos meios analógicos.

Uma interessante distinção entre interação e interatividade é realizada por Silva (2012, p. 122), onde o termo “‘interatividade’ foi posto em destaque para especificar um tipo singular de interação”. Mas então, o que é a interatividade e qual seu significado? Silva auxilia neste entendimento sobre interatividade, indicando que

um produto, uma comunicação, um equipamento, uma obra de arte, são de fatos interativos quando estão imbuídos de uma concepção que contemple complexidade, multiplicidade, não linearidade, bidirecionalidade, potencialidade, permutabilidade (combinatória), imprevisibilidade etc., permitindo ao usuário-interlocutor-fruidor a liberdade de participação, de intervenção, de criação. (2012, p. 122).

Neste ponto o que se coloca é que a interatividade é um ponto essencial para se pensar nos modos de aprender do sujeito contemporâneo, ao possibilitar a incorporação de uma nova forma de comunicação que vem de encontro ao “modelo hegemônico que subjaz a instituição escolar que é a transmissão” (SILVA, 2012, p. 190). No entanto, a construção de situações de aprendizagem escolares que penetrem na lógica comunicacional da transmissão e articulem uma dimensão comunicativa mais interativa, devem considerar os seguintes fundamentos: participação-intervenção, bidirecionalidade-hibridação, permutabilidade-potencialidade. Na Participação-intervenção

o professor pressupõe a participação-intervenção do receptor. Essa participação não se limita a responder “sim” ou “não”, é muito mais que escolher uma opção dada, é muito mais do que fazer uma pergunta. Participar é interferir em sua mensagem, é construir coletivamente, a comunicação e a aprendizagem. (SILVA, 2012, p. 256).

Já no fundamento da bidirecionalidade-hibridação “comunicar pressupõe bidirecionalidade entre professor e aprendiz. A comunicação é produção conjunta dos interlocutores. Diante dos conteúdos de aprendizagem, os dois polos codificam e decodificam, colaboram e cocriam.” (SILVA, 2012, p. 256). Com o fundamento da permutabilidade-potencialidade

o professor oferece múltiplas redes articulatórias para a construção da comunicação e do conhecimento. Não propõe um conteúdo fechado; ao contrário, oferece informações em redes de conexões, permitindo ao aprendiz ampla liberdade para permutar, virtualizar, simular, associar e significar. (SILVA, 2012, p. 256).

Explorar os fundamentos da interatividade nas práticas escolares ainda é um grande desafio, pelo impacto direto na firme e complexa lógica de transmissão já instituída e naturalizada na escola. Além disso, torna-se “doloroso” para o professor

que precisa redefinir por completo seu ofício, sua hegemonia é destituída, bem como de sua mensagem fechada, que pode ser modificada pela intervenção do aluno, que neste sentido deixa de ser um espectador para se tornar também ator/autor em sala de aula.

Partindo deste entendimento o problema não diz respeito somente na maneira como o professor ensina ou como o aluno aprende, ensino e aprendizagem se entrecruzam, assim podemos ponderar que a discussão que auxilia esta investigação é a ensinagem, termo utilizado por Anastasiou para

indicar uma prática social complexa efetivada entre os sujeitos, professor e aluno, englobando tanto ação de ensinar quanto a de apreender, em processo contratual, de parceria deliberada e consciente para o enfrentamento na construção do conhecimento escolar, resultante de ações efetivadas na, e fora da, sala de aula. (2011, p. 03).

Sem a intenção de esgotar e fazer um aprofundamento teórico do termo, mas utilizando-o de forma a auxiliar a temática de pesquisa, percebe-se que a ideia de ensinagem se mostra adequada as práticas escolares com TIC. Por tratar ensino e aprendizagem de forma conjunta, ela pressupõe uma situação onde cada aluno possa “re-elaborar as relações dos conteúdos, através dos aspectos que se determinam e se condicionam mutuamente, numa ação conjunta do professor e dos alunos, com ações e níveis de responsabilidades próprias e específicas” (ANASTASIOU, 2011, p. 04).

Para enfrentar o desafio de não realizar uma dicotomia entre ensino e aprendizagem e assumir a ensinagem como uma nova possibilidade em sala de aula, é relevante considerar as reflexões de Costella que afiança

teremos, certamente, uma escola melhor quando os seus componentes entenderem que o conteúdo por ela trabalhado não é o de ciências, matemática ou de linguagens, o conteúdo por ela trabalhado é o aluno e seu poder de resolver diferentes problemas da vida pela sua capacidade de pensar sobre e entender como. (2012, p. 89).

Considerar as práticas comunicativas que ocorrem em sala de aula entre professores e alunos e a maneira como se posiciona o aluno em sala de aula, apenas ator ou autor de sua aprendizagem, é relevante para caminhar no sentido de

práticas escolares que minimizem as barreiras entre produção e recepção do conhecimento, promovendo diferentes formas de autoria entre seus interlocutores, ou seja, tanto do professor quanto do aluno. Aliás, promover autoria torna-se um fator e ao mesmo tempo uma consequência com a mudança da lógica comunicacional em sala de aula, sendo um dos caminhos a serem experimentados.

A partir deste entendimento, as tecnologias digitais ampliam as possibilidades e podem promover práticas escolares baseadas na interatividade formadora de redes, rompendo com a lógica solidificada da transmissão, potencializando outros modos de aprender/ensinar. Esses modos podem fazer “conviver o texto e o hipertexto; que faça partilhar entre aquele que ensina e aquele que aprende, um processo de produção de sentido que torna o aprendiz ou interagente capaz de construir seu próprio percurso de aprendizagem” (SILVA, 2012, p. 190).

Uma nova dimensão comunicativa em sala de aula implica, entre outros, na construção de práticas escolares que analisem a emergência das novas linguagens, observando os modos dos jovens se relacionarem com as tecnologias, para que a escola possa se aproximar e operar com outras linguagens além da escrita, pois na contemporaneidade a “informação deixou de ser uma área ou especialidade para tornar-se uma dimensão de tudo, transformando profundamente a forma como a sociedade se organiza” (GADOTTI, 2000, p. 06). Neste sentido, é pertinente um repensar de nossas certezas e uma mudança de posicionamento a fim de criar um sentido diferente para a escola e nossos velhos conhecimentos (conteúdos) enquanto componentes desse sistema.

Nesta perspectiva, com tantas mudanças em curso, permanecer no ofício de professor/transmissor/disciplinador não responde mais as necessidades desse tempo. Deste modo, o grande desafio do professor, que é praticamente um resquício de uma estrutura em dissolução, inserido em um mundo velozmente transformado, é de construir novos posicionamentos, recriar sua postura comunicativa, a fim de sobreviver e se encaixar no mundo e nos seus modos contemporâneos de ser/estar e aprender. Ponderando estas questões, incluir as tecnologias digitais nas práticas escolares não significa apenas uma nova tecnificação de mais uma esfera da vida contemporânea, e sim que

em primeiro lugar está a função social da escola, que não é simplesmente socialização das novas gerações no contexto das novas tecnologias – ‘alfabetização digital’ entendida num sentido restrito: gerar mão de obra para o mercado de trabalho cada vez mais informatizado –, mas a educação do sujeito em nosso tempo. (SILVA, 2012, p. 192).

Deste modo, não se trata somente de incluir novas tecnologias em sala de aula, mas a imersão em uma nova prática comunicativa, essa reformulação comunicativa pode ajudar a mudar o status da aula; de *offline* para *online*, não somente para atender as demandas técnicas da sociedade, mas para sobreviver e se reinventar neste novo tempo. Se utilizando destas técnicas não apenas para servir de base para o desenvolvimento econômico, mas fazendo com que as novas tecnologias possam se por a serviço de práticas escolares em Geografia, que transformem a sala de aula em espaço de liberdade para expressar ideias e convicções. Não somente para aspirações individuais, mas para analisar o que está ocorrendo na sociedade e criar disposições e atitudes positivas de colaboração e participação na resolução de problemas coletivos (SANTOMÉ, 2001, p. 01).

3. TRILHANDO E NAVEGANDO: PERCURSOS E ROTAS DA PESQUISA

A abordagem teórico-metodológica desta investigação foi inspirada pelas pesquisas pós-críticas em educação, por entender através de Paraíso (2012) que precisamos transpor as barreiras entre as disciplinas, bem como, deslocar as linhas de separação entre conhecimento e ficção, ciência e literatura, teoria e prática e assim por diante, fazendo uma articulação e uma bricolagem de diferentes metodologias, buscando encontrar, coletar e conectar informações, como também perguntar, interrogar, questionar e fotografar o que estiver disponível e ao alcance sobre o objeto de estudo.

Para entender melhor as estratégias que foram construídas para a condução desta pesquisa, é relevante destacar que utilizei uma importante definição dos Estudos Culturais que defendem “que existe pedagogia, modos de ensinar e possibilidades de aprender nos mais diferentes artefatos culturais” (PARAÍSO, p. 24, 2012). Deste modo, foi empregado nesta investigação o artefato cultural *Facebook*, que é uma rede social *online*, por entender que, de algum modo, este artefato faz parte de um conjunto de artefatos contemporâneos que estão alterando as formas de aprender dos seres deste tempo, portanto, tem o potencial de ensinagem.

O *Facebook* foi adotado como lócus para analisar as novas formas de comunicar que subjetivam os sujeitos e engendram novos formatos de aprendizagem, concebendo esta rede social não apenas como uma ferramenta, mas como nos diz Pretto (1996), como “uma verdadeira máquina estruturante de novas formas de pensar, sentir e agir em nosso tempo”.

Posso dizer que a rede social foi o local a partir do qual foram pensadas as formas de aprender relacionadas aos artefatos culturais contemporâneos, e as práticas escolares da Geografia, foram construídas de modo a se apropriarem da concepção destas redes, a fim de pensar caminhos para a construção de novas formas de aprendizagem em Geografia.

As práticas escolares desenvolvidas não possuíram um delineamento rígido, por entender ser necessário considerar a mobilidade e a imprevisibilidade inerentes a estas redes, não sendo possível fixar um único caminho a percorrer. No entanto, precisei demarcar os objetivos da cada atividade e mediar as construções dos

alunos, tomando os devidos cuidados para que a lógica interacional das redes fosse preservada e potencializada.

Outro ponto que deve ser ressaltado é o fato de que as análises, as práticas escolares em Geografia, bem como os procedimentos metodológicos do percurso investigativo foram efetuados a partir de duas frentes principais: o espaço escolar e o das redes sociais, propiciadas na interconexão entre espaço e ciberespaço. Saliendo que estes espaços foram pensados em interface um com o outro e não de forma isolada, pois entendo através de Massey (2012) que espaço e ciberespaço implicam-se mutuamente.

As redes foram na prática representadas pela rede social *Facebook* e o espaço escolar diz respeito às vivências, que no decorrer da pesquisa tive como professora/pesquisadora imersa no espaço da escola e na turma de alunos participantes. Deste modo, considerei necessário articular dois procedimentos metodológicos diferentes, que se mostraram adequados aos caminhos que acabou tomando esta investigação, sendo eles a etnografia educacional e a netnografia.

A etnografia educacional faz uma aproximação entre antropologia e educação, nela a imersão do pesquisador no campo da investigação, por meio desta ferramenta metodológica, leva a considerá-lo como participante do contexto da pesquisa (SALES, 2012). Então, enquanto pesquisadora e professora de Geografia da escola, que está inserida em suas dinâmicas, na qual desenvolvi esta investigação, este caráter de imersão no contexto escolar esteve presente em todas as etapas, não sendo possível me dissociar entre uma e outra.

Nos momentos da investigação que estive “trilhando³” pela etnografia educacional, fiz pesquisas a campo na Escola Estadual de Ensino Médio Arthur da Costa e Silva em Capivari do Sul/RS. No decorrer do percurso investigativo utilizei técnicas etnográficas, como o registro em diário de campo, figura 04, e a análise de documentos. O diário trata-se de um documento elaborado pela pesquisadora, que foi preenchido com as observações datadas e em espaços definidos da escola, durante o período de tempo estipulado para a duração da coleta de dados.

³ Uso o termo “Trilhando” no sentido de usar o corpo para andar/investigar pelo espaço da escola.

Figura 4 – Modelo de Diário de Campo

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL Programa de Pós-Graduação em Geografia Orientadora: Ivaine Maria Tonini Aluna: Élide Pasini Tonetto		
Diário de Campo da Pesquisa Redes Sociais e Práticas Escolares: Plataformas para uma Geografia <i>online</i>		
<ul style="list-style-type: none"> • Instituição participante: Escola Estadual de Ensino Médio Arthur da Costa e Silva • Turma participante: 2º ano do Ensino Médio, identificação: 211. • Nº de alunos: 18 • Período de Observação: 02/08/2013 a 10/09/2013 		
Data	Espaços Observados	Observações

Organização: TONETTO, 2013.

As observações foram realizadas na sala de aula de uma turma do segundo ano de ensino médio, sendo esta a amostra participante do estudo. A escolha pelo segundo ano do ensino médio, se deu especialmente pelo fato dos alunos nesta etapa de sua vida escolar apresentar processos de autonomia e envolvimento mais profundos e maduros com as temáticas desenvolvidas na escola. Além disso, no período destinado a prática de pesquisa, entre todas as turmas em que sou professora, essa era a que seria trabalhado um conteúdo conectado diretamente ao cotidiano dos alunos, o espaço urbano. Isto evidenciou um momento oportuno para construir aproximações entre a prática escolar da Geografia e a rede social *Facebook*, partindo de uma temática significativa para os alunos.

Ainda com relação aos procedimentos, outra técnica da etnografia educacional utilizada foi a análise de documentos, tendo em vista que foi necessário examinar atentamente os princípios de convivência da escola (normas), bilhetes, avisos e todos os registros possíveis que diziam respeito a presença das redes na escola. A análise deste material se tornou eficaz, visto que procurei identificar operacionalidades das práticas pedagógicas da Geografia com rede, e estas regras na prática compuseram a parte operacional da implantação de tais práticas.

A segunda metodologia a qual estava “navegando”⁴ nesta investigação foi a netnografia, que trata-se de uma maneira específica de fazer etnografia, que se dá através de ambientes virtuais e objetiva compreender as conexões e os fluxos produzidos no ciberespaço (HINE, 2004). Na etnografia educacional foi necessária uma determinada imersão do pesquisador no ciberespaço investigado, a fim de realizar observações, registros e análises.

A netnografia parte do pressuposto que o agente da mudança não é a tecnologia em si, e sim os usos e as construções de sentido realizados a partir dela, a partir desse posicionamento, a Internet é tomada como um artefato cultural e não apenas como um meio técnico (REBS, 2013). Deste modo, destaco que

uma etnografia virtual pode observar com detalhe as formas de experimentação do uso de uma tecnologia, se fortalecendo como método justamente por sua falta de receita, sendo um artefato e não um método protocolar, é uma metodologia inseparável do contexto onde se desenvolve, sendo considerada adaptativa. (AMARAL, 2008, p. 37).

Nesse contexto, percebi que a ferramenta metodológica netnografia se mostrou adequada aos propósitos desta pesquisa, já que realizei uma imersão na rede (*Facebook*), como professora de Geografia e pesquisadora em interface com os alunos de ensino médio, que possuíam perfil na rede social, e participaram do estudo. Em que tracei objetivos claros para realizar a mediação das atividades, porém necessitei de habilidade para lidar com o inesperado e fazer experimentações, sem estar presa a metodologias rígidas.

Mesmo sem um protocolo rígido específico, verifiquei que a netnografia tem alguns elementos básicos, herdados das premissas da própria etnografia, e alguns desses elementos foram considerados no decorrer de todo o percurso investigativo, são eles:

manter postura inicial de estranhamento do pesquisador em relação ao objeto; considerar a subjetividade; considerar os dados resultantes como interpretações de segunda e terceira mão; e finalmente considerar o relato etnográfico como sendo de textualidades múltiplas (AMARAL, 2008, p.38).

⁴ Uso o termo “Navegando” no sentido de navegar pelo ciberespaço, usando a Internet.

No entanto, a netnografia é uma metodologia transposta de um contexto *offline* para outro *online*, por isso, foram necessárias algumas adaptações, alguns procedimentos específicos que pudessem abarcar os novos tipos de objetos estudados. Amaral (2008, p. 38) com base em Kozinets (2007) destaca que os procedimentos para a netnografia, são: “*Entrée* cultural; coleta e análise dos dados; ética de pesquisa; e *feedback* e checagem de informações com os membros do grupo”.

Cabe alertar que os procedimentos da netnografia, bem como suas etapas não aconteceram de maneira estanque, pois “os pesquisadores trabalham indo e vindo por entre elas, apontando vivência de sobreposições e interferências (aqui num sentido positivo) no qual os procedimentos acontecem de forma interligada” (AMARAL, 2008, p. 38). Nesta investigação usei todas as etapas da pesquisa netnográfica, sendo que algumas em menor grau que outras, salientando que seu uso se deu através de sobreposições, conforme as demandas advindas do percurso investigativo e não apenas como formalidades a serem cumpridas.

Deste modo, utilizei o procedimento netnográfico do *entrée* cultural, que consiste na preparação do pesquisador para o trabalho a campo, selecionando as ferramentas de busca, os grupos/comunidades, os usuários e os tópicos que desejava utilizar/analisar. O *entrée* cultural consistiu na seleção do *Facebook*, dentre as demais redes disponíveis, para a navegação principal feita durante o trabalho a campo no ciberespaço, e em seu interior a página governamental da Prefeitura Municipal de Capivari do Sul, utilizada como um canal entre prefeitura e comunidade.

Ainda com a utilização da netnografia a coleta e análise dos dados poderiam ser realizadas de três formas, sob a inspiração da descrição de Amaral (2008) amparada nas teorizações de Kozinets (2002). Primeiro com dados coletados e copiados diretamente dos membros do grupo no *Facebook* (perfil do aluno na rede), a segunda coleta refere-se às informações das práticas comunicacionais dos membros do grupo (postagens, comentários e curtidas), e a terceira são os dados levantados em entrevistas com os indivíduos, através da troca de mensagens na ferramenta bate-papo⁵.

⁵ O Bate-papo é uma ferramenta do *Facebook* que permite aos usuários conversar através do ato de escrever ou da câmera.

Dentre os tipos de coleta de dados da netnografia citados foram utilizados apenas dois deles, a coleta de informações através das práticas comunicacionais do grupo foi a mais empregada em função dos tipos de atividades desenvolvidas, pois era necessário analisar os tipos de postagens, comentários, curtidas, marcações e outros. Já a troca de mensagens através do bate-papo foi utilizada com pouca frequência, sendo usada na maioria das vezes pelos alunos, para esclarecer ou comentar algum ponto do trabalho desenvolvido.

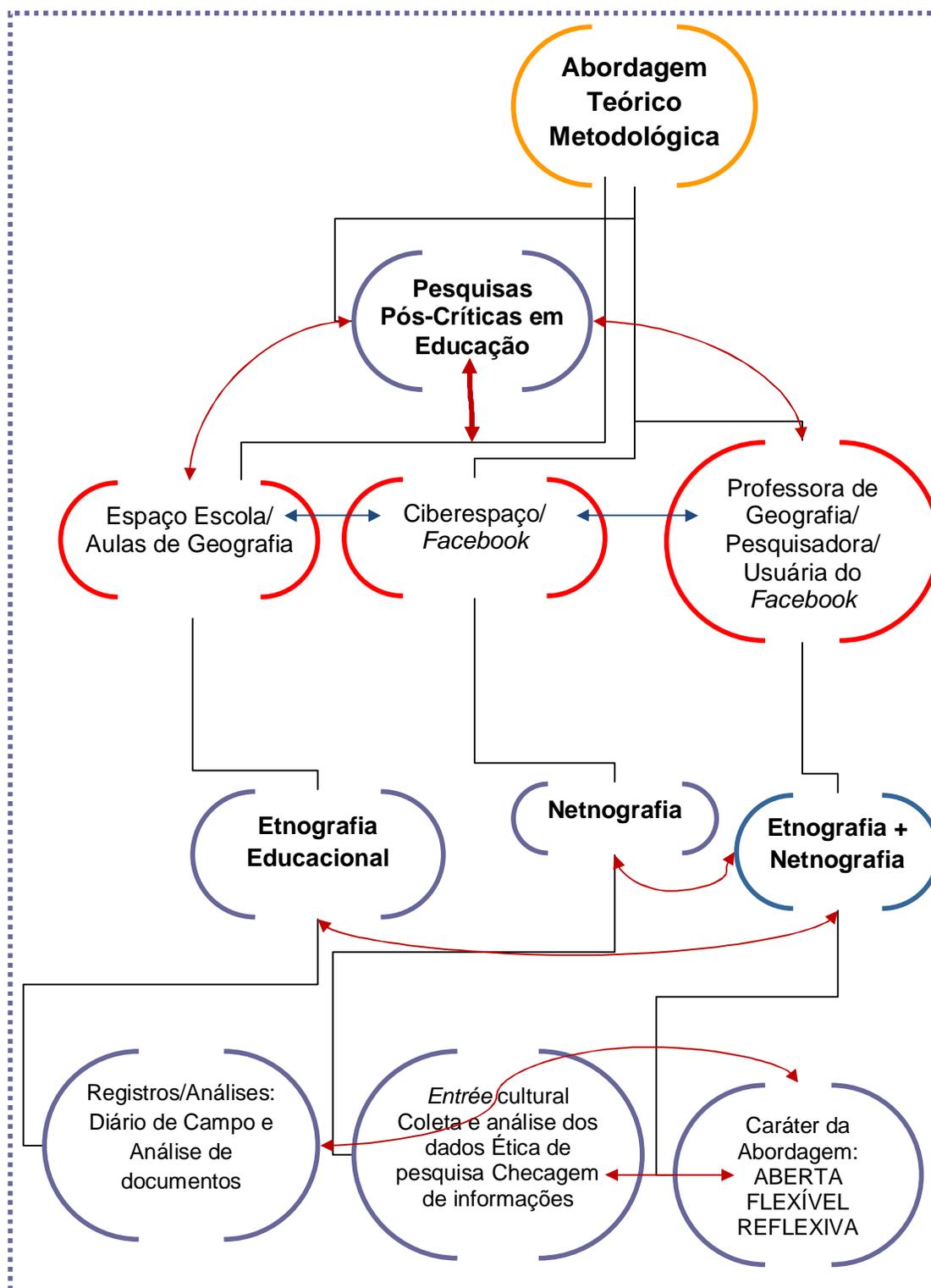
No que se refere à ética da pesquisa alguns procedimentos foram adotados: me identifiquei para os alunos participantes como pesquisadora e professora de Geografia, bem como relatei o interesse da pesquisa, pedindo as permissões necessárias aos pais ou responsáveis, para o uso das informações obtidas em postagens e conversas com os participantes do grupo, em anexo.

Houve ainda cuidados específicos com a segurança de confidencialidade e anonimato aos informantes, no decorrer da dissertação tratei os alunos por pseudônimos e não por seus nomes de usuário, possibilitando a incorporação na pesquisa das interações trazidas pelos alunos participantes. Destaco também que os alunos puderam optar se postariam seus trabalhos em seus próprios perfis ou pelo perfil da pesquisadora.

No decorrer da investigação foi utilizada a ferramenta netnográfica “checagem de dados”, realizada diretamente com os membros do grupo pesquisado no *Facebook*, através de pequenas inferências realizadas por mim enquanto pesquisadora e professora de Geografia, através do *Facebook*, com a solicitação de suas opiniões e reflexões. A fim de analisar *insights* e conclusões além das observadas em campo, e ainda esclarecer pontos confusos das discussões.

Ao explicitar as trilhas percorridas e as rotas navegadas no decorrer da investigação, é importante ressaltar que os registros detalhados e o rigor ético foram cuidadosamente implementados nesta pesquisa. No entanto, as metodologias adotadas estavam sempre a serviço da pesquisa e não ao contrário, nesta perspectiva, as ferramentas foram utilizadas a partir de uma postura metodológica de caráter aberto, flexível e reflexivo. Com base em todos estes delineamentos esbocei um desenho teórico – metodológico demonstrado na figura 05.

Figura 5 - Desenho teórico - metodológico da pesquisa



Organização: TONETTO, 2013.

4. A SALA DE AULA E O FACEBOOK: ENTRE AS PAREDES E AS REDES

Neste capítulo busco conectar minhas opções teórico-metodológicas e navegar com elas pelas redes através do *Facebook*, a fim de fazer experimentações e análises das suas possíveis potencialidades e operacionalidades, buscando aproveitá-las nas práticas escolares da Geografia. Diante de tantas possibilidades e inquietações trazidas pelas reflexões teóricas, qualquer prática cogitada parecia muito aquém do que havia pensado para amparar a pesquisa em termos teóricos e metodológicos.

Igualmente, era urgente e necessário lançar-me no mar da prática da sala de aula em interface com as redes, com os objetivos delineados, porém com uma larga fissura para o inesperado. Procurei desenvolver um trabalho orientando em tom colaborativo os alunos, e deixando espaços e tempos de liberdade para descobrirem seus próprios caminhos, terem dúvidas e criarem estratégias para respondê-las.

Entre as paredes da sala de aula e as redes do *Facebook* a prática foi sendo construída, junto com alunos de uma turma do segundo ano do ensino médio, primeiramente discutimos conceitos relacionados à Geografia urbana e aspectos da urbanização brasileira. Após as discussões gerais, foi proposto aos alunos que em pequenos grupos identificassem problemas urbanos locais ou regionais significativos e fizessem uma explicação sobre o mesmo, com a análise do problema delineada eles deveriam criar/apresentar uma proposta de intervenção que visasse sua resolução e/ou minimização.

No decorrer da organização da prática procurou-se escolher uma temática com pertinência para a vida dos alunos, que pudesse contribuir para levar os sujeitos envolvidos a serem capazes de refletir/questionar seu local de morada. Assim como, dialogar com os gestores públicos, não somente na perspectiva da constatação e da indicação dos problemas e de seus impactos nos locais onde ocorrem, nem no sentido de realizar apenas uma crítica, mas sim na construção de possíveis soluções que pudessem de fato melhorar o cotidiano das pessoas que convivem com tais situações.

A prática foi desenvolvida procurando entrelaçar ensinagens sobre a cidade através da rede social *Facebook*. Deste modo, os alunos poderiam utilizar a referida rede social no decorrer de todos os momentos de desenvolvimento do trabalho, em data previamente agendada os grupos deveriam “postar” suas propostas na página no *Facebook* da Prefeitura Municipal de Capivari do Sul. Os alunos que possuísem perfil de usuário no *Facebook* poderiam utilizar as mesmas para postarem seus trabalhos, os que não tinham ou não quisessem se expor não precisariam criar, podendo utilizar o perfil de usuário da pesquisadora.

No decorrer da atividade, negociamos (pesquisadora/professora/alunos) que não poderiam ser utilizadas expressões agressivas ou muito informais, como gírias, por exemplo, pois o trabalho pretendia utilizar os conhecimentos geográficos para propor melhorias para a cidade e não apenas permanecer tecendo críticas ou elogios, como a maioria dos outros comentários que já estavam publicados nestas páginas.

Após a aula⁶ onde combinamos o que os grupos teriam que fazer, passamos mais quatro aulas pensando em como faríamos, experimentando caminhos, encontrando problemas e buscando soluções para resolvê-los, se motivando, se decepcionando, enfim, aprendendo, às vezes até sem perceber. Na quinta aula os alunos publicaram suas propostas na página do *Facebook* da Prefeitura de Capivari do Sul e no Perfil no *Facebook* do Prefeito de Palmares do Sul, algumas horas mais tarde na mesma data recebemos uma resposta da Prefeitura Municipal de Capivari do Sul, figura 6, já o Prefeito de Palmares do Sul não se manifestou sobre o assunto.

⁶ As observações coletas em cada aula, com suas referidas datas e ocorrências, estão registradas no diário de campo, anexo 3.

Figura 6 - Comentário da Prefeitura Municipal de Capivari do Sul



Organização: TONETTO, 2013.

Foram sete propostas, sendo seis relacionadas a Capivari do Sul e uma relacionada a Palmares do Sul, as quais tiveram os seguintes títulos: *Iluminação pública no Jardim Formoso*, *Grades nas bocas de lobo de Capivari do Sul*, *Preocupação da comunidade*, *Cães abandonados em Capivari do Sul*, *Semáforo* e a *Rótula RSC 101 pede socorro*. Percebe-se que alguns dos problemas escolhidos pelos alunos não dizem respeito à macro preocupações urbanas, mas por fazerem parte de seu cotidiano e os interessarem, foram respeitados e mantidos como temáticas de investigação.

Tendo em mãos além de todos os materiais coletados, algumas reflexões e inquietações, não realizei uma seleção prévia dos trabalhos mais adequados ou interessantes para a análise, mas lancei um olhar sobre todos eles, a fim de verificar possíveis potencialidades ou operacionalidades específicas, que cada um pode por em evidência ao longo de sua construção.

4.1 Das Potencialidades...

Com o objetivo de sistematizar a escrita e fornecer uma organização mais compreensível ao texto, os eixos de análise foram construídos a partir das potencialidades observadas nos trabalhos, do mesmo modo, os exemplos podem vir a se repetirem em cada uma das potencialidades discutidas.

Embora não seja uma novidade em si e podendo ser construída a partir de diversas práticas, com ou sem a formação de redes, uma característica evidente no decorrer das atividades foi a autonomia, esta potencialidade em diferentes níveis perpassou todos os trabalhos. Os grupos foram autônomos para escolherem os problemas urbanos e construírem seus próprios caminhos, tanto na confecção dos materiais para a publicação no *Facebook*, quanto para a proposição das soluções apontadas. A autonomia percebida durante as atividades trata-se da busca e seleção dos caminhos pelos alunos para analisar os problemas existentes na cidade e encontrar possíveis possibilidades de solucioná-los ou minimizá-los, e no decorrer destas rotas construírem as aprendizagens.

De tal modo, a “autonomia é a busca pelo que se quer, construindo o caminho para isso, autoproduzindo e produzindo-se (GOULART, 2011, p. 71). Este tipo de autonomia se destaca ao longo do processo, ao verificar que os grupos buscaram informações com outras pessoas e instituições, alguns optando pela coleta por e-mail e sites, outros por ligações telefônicas e alguns pelo Bate-Papo ou enquetes pelo *Facebook*. No decorrer das atividades os alunos foram constituindo suas próprias aprendizagens no contato e nas relações com os outros, para Goulart é importante a valorização destes processos de relacionamento, pois é neles que os sujeitos se produzem produzindo o outro (2011, p. 71).

As formas de busca e coleta de informações encontradas pelos grupos demonstraram ainda outro potencial, que se trata da interatividade, pois os alunos começaram a interagir não somente com o seu grupo, mas com demais pessoas, que se encontravam em outros espaços (fora da sala de aula), como afirmou um aluno ao relatar que “com o nosso trabalho utilizando o *Facebook* nós fomos além da sala de aula”. Neste sentido, a ferramenta tecnológica disponível que estavam usando acelerou e potencializou a interação, sem seu uso o trabalho poderia

demorar mais para ser concretizado, teria maiores custos ou em alguns casos talvez não tivesse condições de ser efetivado.

A interatividade ficou explicitada diante de diversas situações, dentre elas destaca-se: um grupo não havia encontrado um problema significativo e se angustiava ao ver que os demais colegas já estavam desenvolvendo seus trabalhos, por mais que tentasse ajudá-los nada era suficientemente interessante para este grupo, ao me afastar deles percebo que um de seus componentes digitava freneticamente, me aproximo e percebo que se trata de uma conversa no bate-papo do *Facebook*, em que participavam em torno de três pessoas. Resumindo, o grupo se articulou com alunos de outras turmas, de vizinhos/conhecidos, enfim pessoas que não encontravam-se naquele momento na sala de aula, mas que passaram a discutir com eles os problemas urbanos locais.

As atitudes dos grupos, em especial do caso mencionado, explicita de forma simples e prática todas as formas de interatividade postas em discussão por Silva (2012), temos a participação-intervenção, no momento em que os componentes do grupo participam e interferem na mensagem, seja propriamente do tema a ser escolhido, seja pela busca dele. Há a bidirecionalidade-hibridação, ao se comunicarem com a professora, com o seu grupo, além das demais pessoas através do bate-papo, promovendo colaboração, criando e cocriando os conteúdos e construindo aprendizagens. Além disso, houve interatividade do tipo permutabilidade-potencialidade, através do conteúdo aberto o grupo articulou suas próprias redes (alunos de outras turmas, vizinhos, conhecidos), e utilizou a liberdade para associar e significar o que estavam discutindo.

As práticas aproximaram-se também do tipo de interatividade descrita por Lemos como eletrônico-digital, que “possibilita ao usuário interagir não apenas com o objeto (a máquina ou a ferramenta), mas com a informação, isto é, com o conteúdo” (2010, p. 114). Uma vez que os alunos não estavam interagindo apenas com o computador/*tablet*/celular e seus programas operacionais em si, lendo ou digitando um texto, por exemplo, mas movimentando as informações, seja através dos sites, seja através do contato com os demais usuários e utilizando os dados obtidos a partir destas movimentações para pensar um problema em questão.

As discussões de Lemos, 2010; Silva, 2012; trazem importantes contribuições para pensar sobre a interatividade, que se mostrou uma potencialidade pertinente as práticas escolares da Geografia, na medida em que retira o aluno da

interatividade descrita por Lemos (2010, p. 115) como mecânico-analógica, copiar no caderno ou mesmo copiar no editor de texto, e o desloca para a eletrônica-digital, movimentando-se de forma ativa pelas informações em diálogo com outros agentes, como discutido anteriormente.

Outra característica que ficou evidenciada foi a questão da autoria, na medida em que os grupos tinham que analisar um problema e pensar em uma possível solução, a autoria que seria possível entre as paredes, aluno/professor, foi potencializada pelas redes e transformada em alguns casos em autoria coletiva, aluno/professor/usuários do *Facebook*. Neste sentido, as atividades desenvolvidas demonstraram possibilidades coletivas, colaborativas e compartilhadas “na autoria de materiais didáticos digitais, visando uma inserção de produção e não apenas de (re)produção.” (GIORDANI; TONINI, 2013, p. 1905).

Ainda sobre a autoria, a construção de outro trabalho merece destaque, um dos grupos gostaria de propor a instalação de um semáforo no cruzamento entre duas rodovias que cortam a cidade, mas antes disso queriam saber se esta ideia teria apoio de outras pessoas da comunidade, sugeri então, longe das dinâmicas das redes sociais, uma entrevista em seus moldes tradicionais (questionário, papel, escolha de uma amostra, entrevista e etc.), o que o grupo considerou muito trabalhoso e demorado, até que uma componente interpelou “por que não fizemos uma enquete pelo *Face*? Pode professora?”, deste modo, construíram uma pergunta que foi postada no *Facebook*, utilizando suas ferramentas.

Neste exemplo, percebe-se que houve autoria para pensar o problema, o questionamento sobre ele, e sua possível solução, mas, além disso, houve uma abertura através da rede para pensá-lo coletivamente, em outras questões não pensadas pelo grupo e pela professora sobre a proposição puderam ser manifestadas com maior rapidez e eficiência do que se fosse realizada presencialmente. Novamente a ferramenta ajudou a potencializar o processo de construção de autoria, que deslocou-se de uma autoria individual, solitária (ou no máximo entre aluno/aluno/professor), para uma autoria coletiva, em rede, construída com outras pessoas que encontravam-se nos mais diferentes locais naquele momento da aula (síncrona) e também após a aula (assíncrona), figura 7.

Figura 7 – Enquete



Fulana de Tal
16 de agosto

Nós alunas Fulana de Tal, Ciclana da Silva e Beltrana Santos, da turma 211 da Escola Arthur juntamente com a professora de Geografia Élda Pasini Tonetto estamos fazendo um trabalho de Geografia Urbana e nosso grupo gostaria de saber sua opinião:
O QUE VOCÊ ACHA SOBRE A INSTALAÇÃO DE UMA SINALEIRA NO TREVO DA RSC 101 COM A RS 040?

OBS: Quem concorda curte.

Curtir (desfazer) · Comentar 55 4

Você, Isadora Lermen, Déia Ávila Vini Fraga, Juliana Silva e outras 51 pessoas curtiram isso.

Milene Dutra Seria ótimo, só que já se acidentou nesse trevo sabe que a imprudência e falta de atenção por parte de alguns motorista é enorme, assim, uma Sinaleira ajudaria muito.
16 de agosto às 09:46 · Curtir (desfazer) · 6

Dudi Famer Dos Santos Esta sinalização já foi posta uma vez. Mas devido ao descer do sol a tarde na 040, parecia que o sinal fica hora aberto, hora fechado e acabou prejudicando mais, provocando mais transtornos na alta temporada.
16 de agosto às 13:53 · Curtir

Brenda Cardoso seria uma boa alternativa
16 de agosto às 22:32 · Curtir

Catia Nunes 4111111111
18 de agosto às 20:45 · Curtir

Organização: TONETTO, 2013.

Cabe neste ponto salientar a noção de comunicação síncrona, é aquela que realizada simultaneamente entre os usuários, em tempo real e assíncrona, entendida como o modo de se comunicar com informações que estão disponibilizadas na rede e serão visualizadas pelos usuários a medida que eles acessarem a rede (SANTOS, 2013, p. 02). No caso da enquete realizada pelo grupo do semáforo a comunicação do tipo assíncrona foi mais útil, tendo em vista que dispunham de mais tempo e necessitavam de um número significativos de dados, diferente dos grupos que necessitavam de informações mais específicas que optaram pela comunicação do tipo síncrona.

Neste caso, as redes possibilitam a potencialização das duas comunicações de forma mais rápida, sem deslocamentos (em termos de distâncias), sem custos e com a possibilidade de terem estas informações registradas para acesso

instantâneo quando precisarem, pois em uma comunicação síncrona ou assíncrona, com o uso das redes, se tem a possibilidade de registrar/arquivar em formato de texto as informações obtidas, sendo que, a comunicação oral permite isso de forma mais precária e trabalhosa (anotações, gravadores, transcrições).

Ao procurar informações, auxílio, imagens, elementos e exemplos para construir seus trabalhos, os alunos percorreram por diversas páginas e perfis de usuários no próprio *Facebook*, bem como por *sites*, transitando por diferentes gêneros textuais, fotos, vídeos, textos, esse acesso aleatório foi tranquilamente gerenciado pelos alunos, não sendo requisitado previamente e rompendo com a lógica passo a passo. O processamento das informações e o formato de comunicação desta forma tornam-se hipertextual, Silva tem uma definição de hipertexto adequada às observações realizadas, ele refere-se a este novo formato textual como uma “teia de conexões de um texto com inúmeros textos” (2012, p.18).

Mas, além de acessarem essa teia os alunos criaram seus próprios hipertextos, pois para cada membro do grupo poder ter acesso ao trabalho depois da postagem, um dos membros apenas fazia a postagem e marcava⁷ os demais, o que automaticamente levava o trabalho para o perfil do colega, bem como da professora. Neste sentido, o hipertexto funcionou como outra forma de organizar a informação e os tempos e espaços em que podem ser acessadas, ao passo que posso obter em fração de segundos um trabalho postado por outro colega sem precisar redigitá-lo, assim como obter rapidamente maiores informações sobre quem fez a postagem.

Estes processos trazem para a discussão os potenciais do hipertexto, caracterizados por Lemos como um tipo “de leitura-navegação, não associativo, descentralizado e rizomático” (2010, p. 124), este entendimento ultrapassa o entendimento do hipertexto apenas como um novo suporte técnico, mas conforme o mesmo autor coloca, problematiza “as formas de conceber a produção e apreensão da informação e do conhecimento” (2010, p. 124). Sendo um forte indício do modo como os sujeitos contemporâneos vêm concebendo e organizando o pensamento, como foi discutido pelo próprio Lemos (2010) e por Presnki, 2001); Sibilia, 2012; Veiga-Neto, 2010.

⁷ Recurso utilizado no Facebook para tornar a postagem visível no perfil de outro usuário.

Além disso, os alunos deixam de serem apenas receptores, ou como nos diz Silva (2012), começa “ocorrer uma relação democrática entre indivíduo e informação, permitindo que ele ultrapasse a condição de sujeito passivo para a condição de sujeito operativo, participativo e criativo”. As funções de recepção e emissão tornam-se mescladas, na prática desenvolvida estas funções mescladas não ocorreram somente entre o sujeito e a informação disponível na rede, mas também entre os alunos e a professora, como evidenciado em diversas situações relatadas ao decorrer do texto.

Outro exemplo merece destaque nesta análise, um grupo resolveu fazer uso da ferramenta *Google Maps*⁸, eles utilizaram a imagem de satélite para mostrar a localização em que consideravam necessária a instalação de um redutor eletrônico de velocidade. Para o grupo, o redutor deveria ser instalado em frente à escola possibilitando a passagem dos alunos, para salientar a necessidade de ser instalado exatamente na localização onde estavam indicando, o grupo teve que refletir sobre a posição da escola em relação à rodovia, ao fluxo de pedestres escolares, além de mães, pais e professores e a passagem de automóveis.

Outro grupo resolveu mapear as ruas de seu bairro, apontando quais delas apresentavam iluminação pública precária ou inexistente, percorreram as ruas do bairro e marcaram os pontos, fazendo uma diferenciação entre locais que tinham postes, mas estavam com as luzes queimadas e onde não existiam nem a presença de postes. Excluindo alguns problemas cartográficos existentes nestas propostas (que serão retomados com os alunos), há uma interessante utilização dos conhecimentos geográficos para analisar e ajudar a resolver problemas de seu cotidiano. Na qual as redes deram a oportunidade de ser compartilhado/visualizado/comentado com outras pessoas, obtendo um sentido mais amplo e diferente de uma entrega restrita a professora, que somente teria a ferramenta da “correção”, com uma única visão, um comentário, ou talvez apenas um “certo ou errado”, figura 08.

⁸ O *Google Maps* é um serviço de pesquisa e visualização de mapas e imagens de satélite da Terra gratuito na web fornecido e desenvolvido pela empresa estadunidense Google.

O fato de estar publicado também merece destaque enquanto potencialidade, pois neste caso estar na rede significa estar visível, com todos os riscos que isso pode representar, ser elogiado, criticado, repudiado e até ignorado. Para a Prefeitura que recebe estas propostas a rede fornece também outro caráter, pois se fossemos entregar uma pasta para o órgão, em que no máximo o Prefeito e seus secretários vissem, isso teria um determinado impacto, mas da visibilidade e da fluidez da rede pode emergir inúmeros e inesperados impactos.

Aliás, a publicação dos trabalhos na rede permite também a potencialidade da reusabilidade destes materiais, que podem ser (re)aproveitados de diferentes formas e pelos mais diversos atores dentro do contexto escolar. Podendo ser reutilizado pelo próprio professor com a mesma turma que os elaborou ou em outras turmas, por professores de Geografia de outras modalidades de ensino (Educação de Jovens e Adultos, Ensino Fundamental) e até por professores de outras disciplinas, bem como de outras escolas, que assim desejarem e no que couber em seus planejamentos escolares.

A reusabilidade é uma das propriedades que se referem ao comentar as características importantes dos Objetos de aprendizagens em ambiente virtual, a autora define que a lógica do reuso proporciona a capacidade de um “objeto ser utilizado em diversas situações e contextos” (2010, p. 81). Mas esse reuso não significa que o material passa a atender a dinâmica da massificação da informação, e sim que o recurso operacional foi otimizado em prol da metodologia do professor, conforme também ressalta Santos P.; Leite (2010, p. 84).

O potencial da reusabilidade para os professores de Geografia adquire contornos específicos, que por questões de tempo para a realização, não foi possível aprofundar neste estudo, mas as demandas advindas após a publicação dos trabalhos no *Facebook* suscitam diferentes situações em que os mesmos poderiam ser novamente utilizados. Dentro da mesma turma que realizou a produção poderíamos analisar se houve comentários? Contrários ou a favor? Como eles podem colaborar para reformular a proposta? Houve manifestação das autoridades? De que forma? Quais foram as atitudes já tomadas? Houve curtidas, quantas e o que elas significam? Além disso, outras turmas podem ser estimuladas a comentar e colaborar para a melhoria dos trabalhos.

Uma série de questionamentos e de análises emergem da realização desta prática e deixam um gancho para o desenvolvimento de outras práticas, que podem

revelar novas e inesperadas potencialidades que as redes suscitam. Enquanto pesquisadora/professora de Geografia conectada (ou tentando se conectar) e que percebe que espaço e ciberespaço não são entidades distintas, mas sim um novo desafio que a espacialidade contemporânea apresenta Massey (2012).

O que se percebe neste momento é que as potencialidades das redes sociais nos processos de ensinagem inquietam e fomentam pesquisas em diferentes áreas do conhecimento. As práticas escolares da Geografia estão na agenda de vários eventos científicos, periódicos e livros com distintas abordagens, entender as potencialidades das redes sociais no ensinar e aprender Geografia estão esboçadas como uma pauta inicial desafiadora e por isso mesmo necessária.

4.2 Das Operacionalidades...

No início da investigação ao pensar em operacionalidades elas eram vislumbradas em seus aspectos estruturais, como existência, disponibilidade e qualidade dos equipamentos, conexão à internet e outros elementos do gênero que pudessem existir na escola. Esta questão é necessária e ainda deficiente na maioria das escolas brasileiras, como apontado na Pesquisa sobre os usos das tecnologias da comunicação e informação nas escolas brasileiras, 2012 – *TIC Educação 2012*, realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil, que fez um verdadeiro inventário sobre estes problemas no país e verificou, dentre outras questões, que “a velocidade da conexão limita o uso das TIC na escola pública”.

Durante o desenvolvimento destas atividades foi possível observar algumas destas carências na escola, especialmente no que se refere a quantidade e a qualidade dos equipamentos, além de baixa velocidade da conexão à internet, bem como o acesso a estes equipamentos, que por serem computadores de mesa (com gabinete, teclado, monitor) e estarem dentro de um laboratório de informática, figura 9, demandam o deslocamento dos alunos da sala de aula e a ligação de todo o sistema, processos que dificultam o uso e consomem um tempo significativo da aula.

Figura 9 - Aula no Laboratório de Informática



Organização: TONETTO, 2013.

Além disso, o laboratório de informática está na lógica de uma fixação, com um espaço, um uso e horários delimitados, como discutem Veiga Neto, 2008; Sibilía, 2012, contrariando em parte a lógica de mobilidade dos alunos, através de seus dispositivos móveis: celulares, *notebooks*, *tablets*. Aliás, esta foi mais uma constatação das investigações da pesquisa TIC Educação 2012, as escolas ao poucos já começam aderir a o padrão da mobilidade de uso, com a aquisição de dispositivos móveis, como *notebooks* e *tablets*.

No decorrer do percurso investigativo, essas características, mesmo sendo relevantes, se mostraram não serem as mais importantes na questão operacional para a apropriação das redes nas práticas escolares da Geografia, ou seja, são problemas que podem/devem ser aprofundados pelos gestores e técnicos da escola. Porém as operacionalidades que mais interessam a mim enquanto professora/pesquisadora de Geografia ultrapassam as infraestruturas tecnológicas existentes ou não nas escolas, elas dizem respeito ao instrumental disponibilizado na/atraves dessas tecnologias digitais e, que podem efetivamente operacionalizar as potencialidades construídas pelas redes através de seus membros.

A partir deste entendimento suscitado em meio ao processo investigativo, houve um novo olhar sobre algumas ferramentas disponíveis no *Facebook*, as quais foram rapidamente discutidas no item sobre as potencialidades, mas neste ponto recebem maior destaque. Dentre elas, se destacam os seguintes instrumentos: conta de usuário e perfil, curtir, comentar, compartilhar, bate-papo e página, as quais foram utilizadas para diferentes objetivos no decorrer da prática escolar das aulas de Geografia.

A conta de usuário é utilizada para fornecer acesso ao *Facebook*, já o perfil é utilizado para identificar o usuário na rede social, no perfil é possível disponibilizar inúmeros tipos de informações, bem como definir uma série de configurações de privacidade. Se os grupos não tivessem a conta de usuário a realização do trabalho seria limitada, pois os alunos poderiam postar através da conta da professora, por exemplo, mas os outros recursos não seriam utilizados por eles, o que diminuiria os potenciais da ferramenta.

O ato de “curtir”, considerado simples e rápido, no decorrer da prática foi utilizado pelos alunos no sentido de concordar ou não com determinada temática, sendo possível utilizá-lo para realizar uma enquete de forma rápida e sem custos, resolvendo o problema da coleta de dados, além de colaborar para pensar na relevância da temática para determinado público. Além disso, o número de “curtidas” oferece ou não visibilidade ao trabalho na rede, sendo um indicador do grau da aceitação do trabalho, sua análise pode levar os grupos a repensarem as estratégias e montagem e publicação dos conteúdos, enquanto alguns tiveram várias curtidas, outros não conseguiram mobilizar as pessoas, figuras 10 e 11.

Figura 10 – Exemplos de “curtidas” nos trabalhos



Organização: TONETTO, 2013.

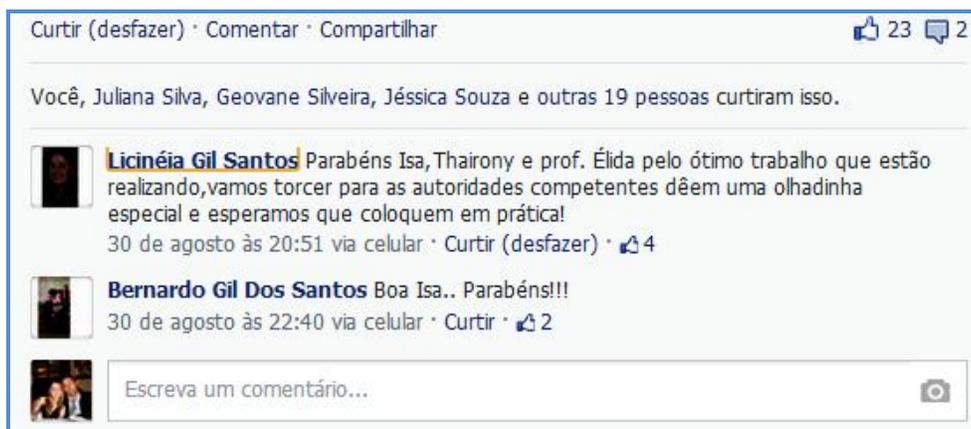
Figura 11 - Exemplo de "curtidas" nos trabalhos



Organização: TONETTO, 2013.

A ferramenta “comentário” juntamente com o bate-papo contribui para a construção de autoria coletiva, no momento em que permite a exposição das opiniões de inúmeras pessoas que se encontram em locais distintos, além da interatividade em vários níveis, como foi discutido anteriormente. Sendo que o comentário fornece o tipo de comunicação assíncrona e permite maior visibilidade, já o bate-papo realiza os dois tipos de comunicação síncrona e assíncrona, podendo ser realizado com quantas pessoas o usuário desejar, mas oferecendo também a possibilidade de maior privacidade entre os membros que se comunicam, figuras 12 e 13.

Figura 12 - Ferramenta "Comentário"



Organização: TONETTO, 2013.

O instrumento “compartilhar” equivale ao publicar e permite como o próprio termo sugere o compartilhamento das informações, para a opção compartilhamento estão disponíveis alguns mecanismos de controle da privacidade, como “Público, Amigos, Amigos exceto conhecidos, Somente eu, Personalizado, ou em um Grupo específico”, isso permite definir o grau de visibilidade que se pretende alcançar com o compartilhamento do conteúdo, figura 13. Nos trabalhos a ferramenta foi utilizada no sentido de oferecer visibilidade a proposta, especialmente para a Prefeitura Municipal e para a cidade de Capivari do Sul.

Figura 13 - Configurações da Linha do Tempo.



Organização: TONETTO, 2013.

A ferramenta “página” é utilizada para manter uma relação mais próxima com um determinado público, sendo possível fornecer materiais de interesse para esse mesmo público, os usuários/simpatizantes têm a opção de “curtir” a página e assim receberão os conteúdos postados nela. Dependendo das configurações realizadas pelo administrador da página é possível fazer postagens e comentários nestes espaços. No decorrer da prática os alunos utilizaram as páginas de um modo geral para coletar informações e também para postarem suas propostas.

A opção “marcar” é utilizada para adicionar um conteúdo (imagem, som, texto) a Linha do tempo de outro usuário, simultaneamente a postagem aparece na Linha de quem postou e nas outras pessoas que foram “marcadas”, um detalhe importante diz respeito às configurações definidas por cada usuário, pois é possível definir que as marcações não aparecem diretamente a Linha do Tempo, dependendo de aceitação do dono do Perfil que foi marcado.

Utilizando esta operação específica um grupo postou seu trabalho e marcou o Perfil do Prefeito de Palmares do Sul em sua postagem, mas como seu perfil estava configurado para ter prévia aceitação antes da publicação, o trabalho acabou não sendo acrescentado na Linha do Tempo do Prefeito. Além disso, não houve uma resposta ou posicionamento em relação à temática discutida, no entanto, houve manifestações através de comentários e curtidas no perfil da aluna.

Explicitadas as funções das ferramentas disponíveis no *Facebook*, nota-se que elas operacionalizam as potencialidades que a referida rede social oferece. Neste sentido, elas foram apropriadas pelos alunos a fim de construir uma resposta ou um caminho ao desafio colocado pela professora/pesquisadora no início do processo investigativo, bem como as demais situações que surgiram no decorrer do percurso.

5 OFFLINE E ONLINE! ALGUMAS CONSIDERAÇÕES...

Este capítulo representa a finalização desta dissertação, da escrita em seu formato tradicional e formal, mas provavelmente não estabelece o fim das conexões formadoras das redes que possibilitaram a efetivação desse estudo. Estas redes foram forjadas no contato entre o *offline* das salas de aula da UFRGS, da biblioteca, dos corredores, dos cafés e o *online* da plataforma *moodle*, das ligações telefônicas, dos sites, dos emails, das conversas pelo *Skype*, das interações via *Facebook*, entre outros, daí já decorre a primeira consideração desta pesquisa: espaço e ciberespaço implicam-se mutuamente, não são entidades distintas, e sim um novo potencial que a espacialidade contemporânea nos oferece, como nos alerta Massey (2012).

Procurando experimentar os desafios postos por esta nova espacialidade, me propus investigar quais as potencialidades e operacionalidades que a dinâmica das redes sociais podem oferecer às práticas escolares da Geografia. Deste modo, foram trilhados os caminhos das aulas de Geografia em interface com as navegações na rede social *Facebook*, desenvolvendo uma prática onde foram coletados dados, estes foram analisados sob inspiração das pesquisas pós-críticas em educação e com o auxílio das ferramentas da etnografia educacional, já que minha imersão no espaço estudado se fazia uma realidade e como pesquisadora não era possível me dissociar do papel de professora, além disso, a ferramenta da netnografia mostrou-se adequada, tendo em vista a navegação pelo ciberespaço.

As tramas teóricas utilizadas colocaram em evidência a complexidade e os desafios da temática deste estudo, bem como colaboraram para a análise do mesmo. Com elas foi possível perceber a crise da modernidade evidenciada nas suas instituições em especial a escola, a qual foi criada para atender as urgências do projeto de sociedade modernidade, evidenciada nos escritos de Veiga-Neto (2008). Neste sentido, foi possível perceber que os objetivos e práticas desta instituição e dos sujeitos modernos, por ela também constituídos, amparavam-se nas linguagens disponíveis e primordiais para esta época, especialmente a leitura e a escrita, sob bases analógicas, o papel (livros, cadernos, lápis etc), discutidos por Sibilia (2012).

A emergência das tecnologias digitais efetivadas no/pelo ciberespaço possibilitaram novos formatos de comunicação, através de um complexo panorama impregnado por inúmeras linguagens, estes instrumentos ampliaram sob maneira as redes já existentes entre as pessoas. Esse arsenal tecnológico, especialmente em suas versões *online*, juntamente com mecanismos como o enorme fluxo de informações propiciadas por tais tecnologias e o consumo de massa, infiltrou-se nas sólidas bases da sociedade moderna, deixando-a mais fluida, como discute Bauman (2001).

As novas linguagens emergentes desta sociedade são incorporadas com mais facilidade pelos mais jovens e especula-se que estes novos formatos tecnológicos, amparados em bases digitais e que possibilitam intensa interatividade entre as pessoas, vem transformando os modos destes jovens aprenderem, o processo está em curso e é difícil ampará-lo em uma grande teoria da aprendizagem. No entanto, muitos autores de diferentes campos vêm se propondo pensar as implicações destas tecnologias nos modos de ser/estar e por consequência aprender do sujeito contemporâneo, verifica-se discussões que consideram estas questões nos estudos de Prenski, 2001; Silva, 2012; Sibilia, 2012; Kenski, 2007; Tonini, 2013; entre outros.

A partir das referências teóricas escolhidas o percurso investigativo levou em consideração as diferentes linguagens propiciadas pelas tecnologias digitais, especialmente aquelas que permitem conexões entre as pessoas, e que inflam nossas redes. Deste modo, procurei me aproximar destas linguagens através da imersão na rede social *Facebook*, inserindo-a na prática escolar da Geografia, a qual demonstrou oferecer distintas potencialidades e operacionalidades.

Cabe ressaltar, que a temática Geografia Urbana, escolhida para a construção das atividades práticas não foi o foco das discussões, pois as potencialidades poderiam ser avaliadas em diferentes temáticas estudadas pela Geografia, as análises e discussões mais relevantes para este estudo foram aos caminhos que os alunos, sob orientação da professora, encontraram para resolver o desafio proposto, pois nestes percursos foram sendo construídas as aprendizagens, que ofereceram mais significado aos conteúdos geográficos. Neste sentido, cabe uma consideração importante, ao abordar a temática de estudo o mais relevante foi salientar aos alunos “o que fazer” e não “como fazer”, na possibilidade oferecida a

eles em descobrir “como fazer”, é que foram criadas e (re)criadas as potencialidades das redes para a Geografia.

Estas potencialidades foram sendo evidenciadas ao longo da construção das atividades, e analisadas através de um olhar embasado no arcabouço teórico que ampara o estudo. Neste sentido, observou-se que as redes sociais podem contribuir para a construção da autonomia do aluno, que nos casos observados, tiveram que escolher além de seus temas, formas diferentes de apresentação de um trabalho que ficaria visível ao público, além de transitarem por uma série de informações e instrumentos que estavam à disposição, nas quais eles precisavam ser autônomos para optar entre os mais adequados, transformando em um conhecimento útil para a comunidade, e que ao mesmo tempo era passível de julgamento por essas pessoas.

Além disso, foi possível perceber o potencial de interatividade presente nas redes, onde os alunos estabeleceram diversas formas de interagir não somente com a máquina ou com o seu próprio grupo e a professora, e sim com diferentes informações, fornecidas tanto por sites, quanto também por pessoas que encontravam-se naquele instante distantes da sala de aula, mas a ela conectadas através das redes, contribuindo com as discussões realizadas.

Através dos tipos de interatividade propiciadas pelas redes foi possível a construção de autoria, tanto individual quanto coletiva, pois para a escolha do problema urbano local e suas possíveis soluções, foram levados em consideração as opiniões dos colegas, e em muitos trabalhos foi requisitada a colaboração de outros usuários da rede, seja através do Bate-papo, seja através de enquetes, assim, observa-se a construção coletiva de materiais, que oferecem também a possibilidade de serem (re)utilizados de diferentes formas por professores e alunos.

Foi possível perceber os potenciais das redes sociais também quanto a visibilidade, que permite o (re)pensar do trabalho, levando o aluno e o professor a verificarem possíveis erros, limitações do que foi proposto e vislumbrar outras possibilidades. Todas estas potencialidades foram operacionalizadas através de ferramentas específicas disponibilizadas na rede social *Facebook*, como “conta de usuário e perfil”, “curtir”, “comentar”, “compartilhar” e “páginas”, cada uma delas apresentou funções que foram apropriadas de diferentes formas pelos alunos, ao longo do caminho percorrido por cada um para a construção de seu material.

Deste modo, considerar estas potencialidades e operacionalidades, além de outras que podem ser (re)criadas na/através das redes leva a uma profunda reflexão

sobre as práticas escolares da Geografia, não apenas tecnificando as aulas, mas recriando a prática comunicativa, entendendo que como professora não sou a única responsável pelo ensino (emissão), e o aluno não é o único responsável por sua aprendizagem (recepção), mas um processo imbricado entre os dois. Neste sentido, as potencialidades das redes ajudam a mesclar estas funções, retirando esses atores das suas posições originais e colaborando para a transformação das ensinagens da Geografia.

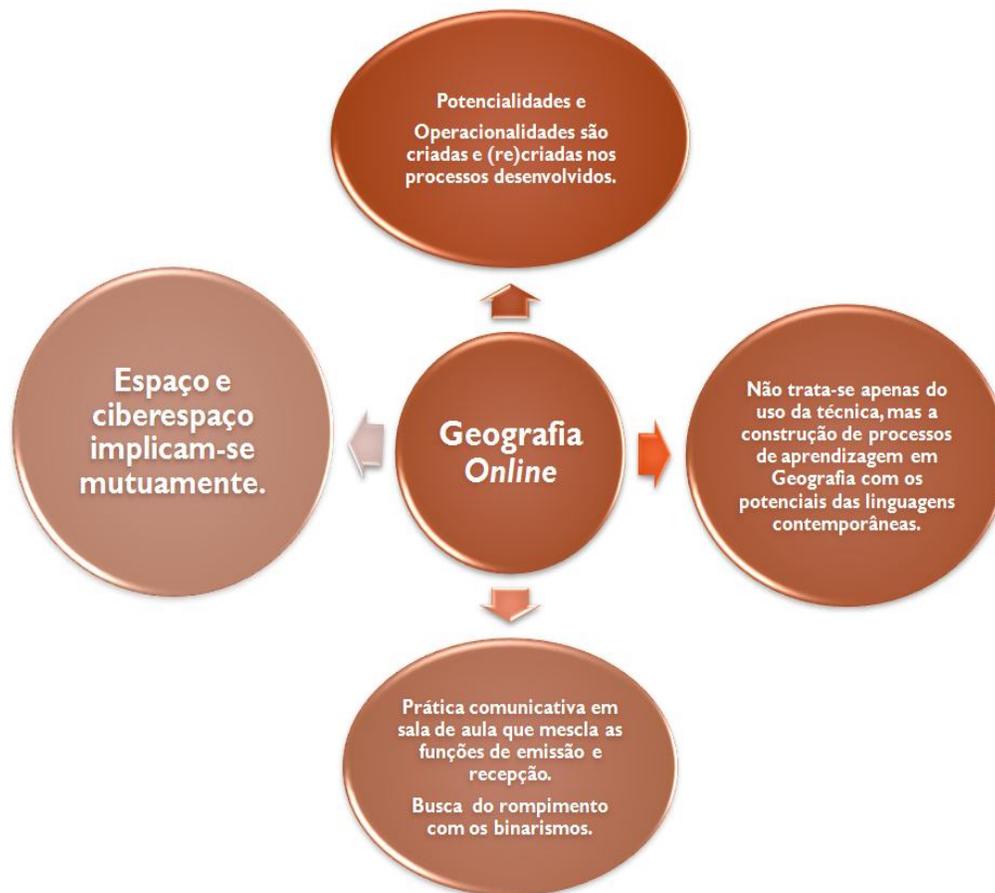
Ao analisar profunda e teoricamente as atividades construídas, o temor ao início da pesquisa vai se esvaindo, pois começo a perceber, inspirada nas orientações de Tonini (2013), que nenhuma prática é tão simples quanto parece, suas simplicidades ou complexidades estarão mais ou menos evidentes, dependendo das lentes teóricas que cada um utilizar para lançar seus olhares sobre elas, bem como os artefatos existentes em nosso meio não são apenas ferramentas para “enfeitar”, “alegrar” ou “modernizar” nossas aulas, eles são ou podem ser potencializadoras de diferentes formas de aprender.

Deste modo, os potenciais e as ferramentas que as operacionalizam apresentadas no decorrer deste estudo não são uma mochila escolar pronta para o uso em qualquer aula de Geografia, e sim algumas possibilidades experimentadas e vivenciadas enquanto professora/pesquisadora de Geografia que busca conectar a sala de aula ao mundo contemporâneo, mudando o *status* das aulas de Geografia de *offline* para *online*. Esta mudança não representa apenas uso da técnica em sala de aula, mas sim a busca pela construção de processos de aprendizagens significativos em Geografia, através das potencialidades oferecidas pelas redes sociais, que representam uma linguagem contemporânea presente no cotidiano dos alunos.

Neste sentido, não podemos negar a solidez das paredes escolares que ainda nos cercam e que sofrem a crise propiciada pela emergência das redes, porém em meio a esta crise, talvez seja urgente não excluir tudo que já foi possível construir entre paredes, mas (re)configurar isso tudo no contato com as redes. Deste modo, nem somente as paredes e nem somente as redes, mas quiçá um possível híbrido entre as paredes (vistas como espaço) e as redes (vista como ciberespaço), considerando suas mútuas implicações (Massey) e tornando o real ainda mais instigante e desafiador, ou simplesmente espaço, com sua fluidez e fixidez vistas de forma integral.

Essa leitura tem um *link* direto com as práticas escolares em Geografia, que pode se apropriar dessas reflexões para (re)configurar os seus conhecimentos escolares, aproveitando no que couber, as sólidas formas tradicionalmente utilizadas na escola, mas não sendo exclusivamente firme braço estatal, e que possam se apropriar da fluidez das redes, sem nela ser diluída ou capturada pelas ávidas lógicas empreendedoras. Mas sim, combinar tanto a solidez das práticas *offline* quanto a fluidez do *online*, (re)criando uma aula de Geografia atravessada pelos dois modos, que neste estudo são entendidos como um híbrido, e não como camadas separadas, que complexificam ainda mais o real, contribuindo para refletir sobre a construção de práticas que percebem e se comprometem com a ruptura dos binarismos (espaço/ciberespaço, Estado/Empresa), figura 14.

Figura 14 - Geografia *Online*



Organização: TONETTO, 2013.

Ao desconectar da plataforma da escrita desta dissertação deixo duas últimas e momentâneas considerações: primeira, possivelmente ainda há muitas potencialidades a serem aproveitadas nas/pelas redes sociais para a Geografia, segunda, provavelmente também existe um longo caminho a percorrer para que estas mesmas potencialidades sejam plenamente vivenciadas na escola, pois até este momento ainda é possível perceber os binarismos descritos anteriormente agindo com muita força nos espaços escolares.

6. REFERÊNCIAS

- AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Luciana. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. In: **Sessões do Imaginário**, PUCRS, Porto Alegre, 2008, n. 20. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/4829/368>> Acesso em 13 fev. 2013.
- ANASTASIOU, Léa da Graças Camargos. Ensinar, aprender, aprender e processos de aprendizagens. In: **IV SEMINÁRIO DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE. Planejamento e Avaliação da Aprendizagem na Educação Superior**", 2011, Santana do Livramento. Anais eletrônicos... Santana do Livramento: UNIPAMPA, 2011. Disponível em: <[http://eventos.unipampa.edu.br/seminariodocente/files/2011/03/Oficina-10 Estrat%C3%A9gias-metodol%C3%B3gicas.pdf](http://eventos.unipampa.edu.br/seminariodocente/files/2011/03/Oficina-10_Estrat%C3%A9gias-metodol%C3%B3gicas.pdf)>. Acesso em 16 jan. 2013.
- AUDINO, Daniel Fagundes. **Objetos de aprendizagem hipermídia aplicado à cartografia escolar no sexto ano do ensino fundamental em geografia**. Florianópolis: UFSC, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/99501>>. Acesso em: 30 set. 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. **Liquid Modernity**. Cambridge: Polity, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CASTELLS, Manuel. *La apropiación de las tecnologías. La cultura juvenil en la era digital*. In: **Telos Cuadernos de Comunicación e Innovación**. Fundación Telefónica, Madrid, n. 81, 2009. Disponível em: <http://sociedadinformacion.fundaciontelefonica.com/DYC/TELOS/SOBRETELOS/Numerosanteriores/DetalleAnteriores_81_TELOS_DOSSIER15/seccion=1268&idioma=es_ES&id=2009110317560001&activo=6.do>. Acesso em: 20 set. 2013.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Os movimentos à necessária inquietude do saber geográfico – novos desafios. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; TONINI, Ivaine Maria; KAERCHER, Nestor André (orgs.). **Movimentos no ensinar Geografia**. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar-Cultura, 2013.

COSTA, Roberto. Pierre Levy prevê substituição do livro didático e do caderno por computadores e *tablets* nas salas de aula. **Agência Brasil**: Empresa Brasil de comunicação, Brasília, jun. 2012. Sessão últimas notícias. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-06-30/pierre-levy-preve-substituicao-do-livro-didatico-e-do-caderno-por-computadores-e-tablets-nas-salas-de-aula>>. Acesso em: 04 jan. 2013.

COSTELLA, Roselane Zordan. Escola: Espaço de responsabilidade social. In: **Rev. Traj. Mult.** – Ed. Esp. XVI Fórum Internacional de Educação – Ano 3, Nº 7, 2012. Disponível em: <http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/trajetoria_multicursos/agosto_2012/pdf/escola_-_espaco_de_responsabilidade_social.pdf>. Acesso em: 01 out. 2013.

_____; SCHÄFFER, Neiva Otero. A Geografia em projetos curriculares: ler o lugar e compreender o mundo. Erechim: Edelbra, 2012.

GADOTTI, Moacir. Desafios para a era do conhecimento. In: **Revista Viver Mente & Cérebro, coleção Memória da Pedagogia**, publicada exclusivamente na Internet, São Paulo, 2000. Disponível em: <<http://smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espacoleituras/WEBARTIGOS/desafios%20para%20a%20era%20do%20conhecimento.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2013.

GIORDANI, Ana Claudia Carvalho. **Geografia escolar**: a mediação pedagógica na autoria de objetos de aprendizagem por alunos. Santa Maria: UFSM, 2010. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/ppggeo/files/dissertacoes_0611/Ana%20Claudia%20Giordani.pdf>

GIORDANI, Ana Claudia Carvalho; TONINI, Ivaine Maria. Potencialidades educativas das tecnologias da comunicação e informação: Caminhos da pesquisa

em ensino de Geografia. In: **12º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia**, Paraíba: 2013.

GOULART, Ligia Beatriz. **Alunos e Professores fazendo Geografia: a rede ressignificando informações**. Porto Alegre: UFRGS, 2011. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/38567/000821043.pdf?sequence=>> Acesso em 20 jul. 2013.

HINE, Christine. **Etnografia virtual**. Barcelona: Editorial UOC, 2004.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 5 ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

LÈVY, Pierre. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

LEITÃO, Mirian. **O jornalismo profissional frente à Revolução Digital**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/miriam-leitao/videos/>>. Acesso em: 10 out. 2013.

MACHADO, Joicemegue Ribeiro; TIJIBOY, Ana Vilma. Redes Sociais Virtuais: um espaço para efetivação da aprendizagem cooperativa. In: **Revista Novas Tecnologias na Educação**. UFRGS, Porto Alegre, v. 3, n. 1, 2005. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/renote/article/view/13798>>. Acesso em: 14 jan. 2012.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. Tradução Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

NELMA, Sara. Desenhos. **Caelum**, Portugal, mai. 2010. Disponível em: <<http://saranelma3caelum.blogspot.com.br/2010/05/rizoma.html>>. Acesso em 26 de mar. 2013.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dogmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

PRENSKI, Marc. Digital Natives, Digital Immigrants. In: **On the Horizon**. MCB *University Press*, Vol. 9 No. 5, 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/>>

writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>. Acesso em 20 set. 2013.

PRETTO, Nelson. **Uma escola com/sem futuro**. Campinas: Papyrus, 1996.

_____; ASSIS, Alessandra. Cultura digital e educação: redes já! In: PRETTO, Nelson De Luca; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (Orgs.). **Além das redes de colaboração**: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/web2.pdf>>. Acesso em 10 fev. 2013.

REBS, Rebeca Recuero. **A netnografia**. Disponível em: < http://www.rebs.com.br/?page_id=660>. Acesso em: 15 mar. 2013.

RECUERO, Raquel. Redes Sociais na Internet: Considerações Iniciais. In: **Revista E Compós**, v. 2, 2005. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/redes_sociais.pdf>. Acesso 10 fev. 2013.

_____. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SALES, Shirlei Rezende. Etnografia + netnografia + análise do discurso: articulações metodológicas para pesquisar em Educação. In: MEYER, Dogmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

SANTANA, Camila Lima Santana e. Redes Sociais na Internet: Potencializando interações sociais. In: **Revista digital Ipertextus**. UFPE, Pernambuco, v 1, n. 1 2007. Disponível em: <<http://www.hipertextus.net/volume1/ensaio-05-camila.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2013.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. A construção da escola pública como instituição democrática: poder e participação da comunidade. In: **Currículo sem Fronteiras**, v.1, n.1, pp.51-80, Jan/Jun 2001. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol1iss1articles/santome.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2013.

_____. **Currículo escolar e justiça social**. O cavalo de troia da educação. Tradução Alexandre Salvaterra: revisão técnica Álvaro Hypolito. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, Edméa Oliveira dos. **Educação online: cibercultura e pesquisa -formação na prática docente.** Salvador, BA, 2005. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Universidade Federal da Bahia, 2005. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&o_obra=154202> Acesso em: 01 fev. 2013.

_____. Pesquisando com a mobilidade ubíqua em redes sociais da internet: um case com o *Twitter*. In: **Revista Eletrônica de Jornalismo Científico.** UNICAMP, Campinas, v 1, n. 135, 2012. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=74&id=932>>. Acesso em: 13 fev. 2013.

_____. **Comunicação síncrona e assíncrona.** Disponível em:<<http://www.moodle.ufba.br/mod/resource/view.php?id=14531>>. Acesso em: 09 de out. de 2013.

SANTOS, Pricila Kohls dos; LEITE, Leticia Lopes. O desenvolvimento de Objetos de Aprendizagem para Educação a Distância ancorados pelas Dimensões da Educação. In: **Revista Educação por Escrito.** PUCRS, v. 1, n. 1, jun. 2010. Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/download/6692/5363>>. Acesso em: 30 set. 2013.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão.** Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa: educação, comunicação, mídia clássica, internet, tecnologias digitais, arte, mercado, sociedade, cidadania.** 6. ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2012.

TIC Educação 2012. Survey on the use of information and communication technologies in Brazil : **ICT Education 2012** / [coordenação executiva e editorial/executive and editorial coordination, Alexandre F. Barbosa; tradução /translation DB Comunicação (org.)]. São Paulo : Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2013. Edição bilíngue: português/inglês. ISBN 978-85-60062-67-6. Disponível em: < www.cetic.br>. Acesso em: 04 out. 2013.

TONINI, Ivaine Maria. Ensino de Geografia e Cultura Visual - Reflexões Pedagógicas. In: **XV ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO**, 2010, Belo Horizonte. Convergências e Tensões no Campo de Formação e do Trabalho Docente: Políticas e Práticas Educacionais. Belo Horizonte : UFMG, 2010.

_____. Movimentando-se pela Web 2.0 para ensinar Geografia. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; TONINI, Ivaine Maria; KAERCHER, Nestor André (orgs.). **Movimentos no ensinar Geografia**. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar-Cultura, 2013.

_____. Notas sobre imagens para ensinar Geografia. VALLADARES, Marisa; OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao. **Dossiê sobre imagens escolares**. Niterói: UFV, 2013. (no prelo)

VALLERIUS, Daniel Mallmann. **Identidades (nem tão) virtuais assim : um olhar sobre a construção das identidades territoriais no ciberespaço**. Porto Alegre: UFRGS, 2011. Disponível em: < <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/32556>>. Acesso em: jun. 2013.

VEIGA-NETO, Alfredo. Crise da modernidade e inovações curriculares: da disciplina para o controle. In: **Trajetórias e processos de ensinar e aprender: sujeitos, currículos e culturas - XIV ENDIPE 35**. Porto Alegre, 2008. Disponível em: < <http://www.grupodec.net.br/ebooks/CrisedaModernidadeAlfredo.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2013.

_____. Currículo: um desvio à direita ou Delírios avaliatórios. In: **X Colóquio sobre Questões Curriculares e VI Colóquio Luso-Brasileiro de Currículo**, Belo Horizonte: UFMG, 2012. Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/TEMPORARIOS/veiga-neto-curriculos-delirios-avaliatorios.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2013.

_____; SARAIVA, Karla. Educar como arte de governar. In: **Currículo sem Fronteiras**, v.11, n.1, pp.5-13, Jan/Jun 2011. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss1articles/veiga-neto-saraiva.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2013.

ANEXOS

ANEXO 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
MESTRADO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Capivari do Sul, 01 de agosto, 2013.

Para: Maria Cristina Souza

Diretora da Escola Estadual de Ensino Médio Arthur da Costa e Silva

Ao cumprimentá-la, venho por meio desta, solicitar permissão a essa direção, alunos/as e familiares da turma 211, para efetuar uma atividade prática com alunos/as, bem como efetuar observações dessas atividades, no período de 02/08/2013 até 10/09/2013.

O registro desse trabalho tem como objetivo investigar as potencialidades e operacionalidades das redes sociais *online* nas práticas escolares da Geografia. Trata-se de pesquisa científica intitulada Redes sociais: Plataformas para a construção de uma Geografia online, sob orientação e supervisão da Professora Ivaine Maria Tonini. Seu objetivo é obter resultados para fins científicos, deste modo, os/as jovens serão observados e eventualmente fotografados e/ou filmados dentro do espaço escolar.

Comprometo-me a respeitar os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho, efetuando pessoalmente todas as atividades. Em anexo segue um formulário, no qual cada aluno ou mesmo familiar deverá firmar seu acordo e permissão.

Na certeza de poder contar com o apoio dessa Instituição e de sua comunidade de alunos/as, pais e educadores/as, antecipadamente agradeço.

Assinatura da pesquisadora

Email: elidapasinitonetto@yahoo.com.br

ANEXO 2



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Seu filho está sendo convidado a participar de uma pesquisa de cunho científico do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, intitulada: Redes Sociais: Plataformas para a construção de uma Geografia *online*, que tem como objetivo principal **analisar as potencialidades e operacionalidades das redes sociais online para as práticas escolares da Geografia**. O tema escolhido se justifica pela importância que as tecnologias digitais e as redes vêm proporcionando aos modos dos jovens usuários de tais tecnologias agirem e aprenderem no mundo contemporâneo. O trabalho está sendo realizado pela mestrandia Élide Pasini Tonetto sob a supervisão e orientação da Professora Dra. Ivaine Maria Tonini.

Para alcançar os objetivos do estudo será realizada uma conversa coletiva, sem gravação em áudio, haverá a produção de trabalhos e sua publicação através rede social *Facebook*. Também serão produzidas imagens através de fotografias. Os dados de identificação serão confidenciais e os nomes reservados. Sobre as imagens, serão preservados detalhes que possam identificar o sujeito.

Os dados obtidos serão utilizados somente para este estudo, sendo os mesmos armazenados pela pesquisadora sob a supervisão de sua orientadora principal durante 5 (cinco) anos e após totalmente destruídos (conforme preconiza a Resolução 196/96).

EU _____, recebi as informações sobre os objetivos e a importância desta pesquisa de forma clara e concordo que meu filho _____ participe do estudo.

Declaro que também fui informado (a):

- Da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento acerca dos assuntos relacionados a esta pesquisa.
- De que sua participação é voluntária e que terá a liberdade de retirar este consentimento, a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo para a sua vida pessoal e nem para o atendimento prestado a ele.

- Da garantia que não será identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações serão utilizadas somente para os fins científicos da presente pesquisa.

- Sobre a pesquisa e a forma como será conduzida e que em caso de dúvida ou novas perguntas poderei entrar em contato com a pesquisadora: *Élida Pasini Tonetto*, telefone 51 9749 5242, email: *elidapasinitonetto@yahoo.com.br* e endereço: Rua *Dinamarca*, nº 77 Bairro *Jardim Formoso* – Capivari do Sul.

- Também que, se houverem dúvidas quanto a questões éticas, poderei entrar em contato com Comitê de Ética em Pesquisa da instituição em que será desenvolvida a pesquisa, pelo telefone 51 3308 3738, endereço Av. Paulo Gama, nº 110, 2º andar. Porto Alegre/RS.

Declaro que recebi cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficando outra via com a pesquisadora.

Capivari do Sul, 01 de agosto de 2013.

Assinatura do responsável pelo sujeito de pesquisa

Nome:

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Nome:

ANEXO 3

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL Programa de Pós-Graduação em Geografia Linha de Ensino de Geografia Orientadora: Ivaine Maria Tonini Aluna: Élide Pasini Tonetto
Diário de Campo 1 Pesquisa: Redes Sociais e Práticas Escolares: Plataformas para uma Geografia <i>online</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Instituição participante: Escola Estadual de Ensino Médio Arthur da Costa e Silva • Turma participante: 2º ano do Ensino Médio, identificação: 211. • Nº de alunos: 18 • Período de Observação: 02/08/2013 a 10/09/2013

Data	Espaço da Escola observado	Observações
02/08/2013	Sala de aula da turma do 2º ano – 211.	<p>Nessa aula foi proposto aos alunos a realização de um trabalho sobre Problemas Urbanos com o uso do <i>Facebook</i>. Os alunos se mostraram curiosos com a proposta.</p> <p>O trabalho foi explicado detalhadamente aos alunos, após as curiosidades serem amenizadas, muitos deles disseram que se sentiriam amedrontados em publicar seus trabalhos com suas produções/opiniões. Esclareci aos mesmos que eles poderiam publicar através do meu perfil para não serem expostos, mas seria uma decisão que eles poderiam tomar até o dia das postagens.</p> <p>Foi uma aula bem agitada, em que tive que percorrer entre os grupos para orientá-los, pois cada um tinha muitas ideias, mas eles estavam preocupados em escolher temas importantes, os alunos comentavam “Não queremos fazer “feio” no <i>Face</i>”.</p>

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL Programa de Pós-Graduação em Geografia Linha de Ensino de Geografia Orientadora: Ivaine Maria Tonini Aluna: Élide Pasini Tonetto
Diário de Campo 2
Pesquisa: Redes Sociais: Plataformas para a construção de uma Geografia <i>online</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Instituição participante: Escola Estadual de Ensino Médio Arthur da Costa e Silva • Turma participante: 2º ano do Ensino Médio, identificação: 211. • Nº de alunos: 18 • Período de Observação: 02/08/2013 a 10/09/2013

Data	Espaço da Escola observado	Observações
09/08/13	Laboratório de Informática - LABIN	<p>Nessa aula fomos ao laboratório de informática, onde detectamos que cerca de três computadores não funcionavam e a Internet caía algumas vezes. Alguns alunos usaram seus próprios celulares, <i>tablets</i> e notebooks para realizar a pesquisa, utilizando o sinal de Internet sem fio da escola.</p> <p>Muitos grupos ficaram com certo temor em entrar no <i>Facebook</i> no LABIN da Escola, alguns comentavam entre si “pode entrar no Face mesmo?”, outros ainda para confirmar perguntavam “não vai dar problema para nós entrar no Face em horário de aula professora?”.</p> <p>Demorou praticamente um período de aula para toda esta organização no LABIN. Neste dia, um dos grupos não havia decidido seus temas, procurando apenas orientar e não fornecer um “tema pronto”, fiz vários questionamentos a eles, mas estavam ansiosos, pois não conseguia encontrar um tema que lhes interessasse, depois da provocação deixei-os e passei a orientar aos demais, depois de um tempo percebi que as meninas digitavam rapidamente no bate-papo do Face, me aproximei para ver do que se tratava, sem que elas me vissem, verifiquei que elas se articulavam com alunos de outras turmas (do noturno) e com alguns conhecidos, inclusive vizinhos para perguntar o que eles consideravam um problema urbano para Capivari o Sul. (potencialidade não prevista por mim, e desenvolvida no percurso).</p> <p>Outro grupo gostaria de sugerir ao município a instalação de um semáforo em um local específico do</p>

		trânsito urbano, mas gostaria de saber se mais pessoas da comunidade apoiavam esta ideia, então, sugeri a elas uma entrevista. Um delas me retrucou: “Mas é trabalhoso e demora muito”, outra componente rapidamente disse: “Poderíamos fazer uma enquete pelo Face seria mais fácil e ágil”, eu apenas disse a elas: “Mãos a obra” e realizei algumas orientações sobre a formulação da questão. (mais uma potencialidade).
--	--	--

<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL Programa de Pós-Graduação em Geografia Linha de Ensino de Geografia Orientadora: Ivaine Maria Tonini Aluna: Élide Pasini Tonetto</p>
<p>Diário de Campo 3</p>
<p>Pesquisa: Redes Sociais: Plataformas para a construção de uma Geografia <i>online</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> • Instituição participante: Escola Estadual de Ensino Médio Arthur da Costa e Silva • Turma participante: 2º ano do Ensino Médio, identificação: 211. • Nº de alunos: 18 • Período de Observação: 02/08/2013 a 10/09/2013

Data	Espaço da Escola observado	Observações
16/08/13	Laboratório de Informática LABIN	<p>Nesse dia houve problemas para a entrada no LABIN, pois não encontrávamos a chave, após uns 15 minutos de procura e a mobilização de alguns funcionários conseguimos acessá-lo.</p> <p>Nesse dia dois grupos perceberam que para apontar soluções para os problemas que haviam escolhido era necessário melhor visualização da área retratada no problema, então, resolveram fazer um mapeamento, utilizando imagens do Google <i>Maps</i> fosse utilizaram da linguagem cartográfica para melhor demonstrar o tema discutido, muitas orientações tiveram que ser oferecidas a estes grupos.</p> <p>Um desses grupos coletou informações a campo (andando pelas ruas e verificando postes sem luz ou com luzes queimadas) e mapearam utilizando imagem de satélite do bairro estudado.</p> <p>Um dos grupos postou a enquete e começou</p>

	fazer campanha entre os colegas da turma para curtirem sua enquete. Alguns grupos trouxeram dados coletados na Prefeitura e solicitaram minha ajuda para organizá-los.
--	--

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL Programa de Pós-Graduação em Geografia Linha de Ensino de Geografia Orientadora: Ivaine Maria Tonini Aluna: Élide Pasini Tonetto
Diário de Campo 4
Pesquisa: Redes Sociais: Plataformas para a construção de uma Geografia <i>online</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Instituição participante: Escola Estadual de Ensino Médio Arthur da Costa e Silva • Turma participante: 2º ano do Ensino Médio, identificação: 211. • Nº de alunos: 18 • Período de Observação: 02/08/2013 a 10/09/2013

Data	Espaço da Escola observado	Observações
23/09/2013	Laboratório de Informática LABIN	<p>Nessa aula houve alguns problemas com a senha da Internet e tivemos que pedir a colaboração do pessoal da secretaria que possui a senha dos equipamentos, tivemos que aguardar em torno de 10 minutos para a resolução do problema.</p> <p>Os grupos estavam agitados neste dia, todos me chamavam ao mesmo tempo, eles estavam com muitos materiais encaminhados, dados, informações, mas estavam com muitas dúvidas em como organizá-las. Os textos eram muitos pessoais, havia muita autoria neles, porém vários erros na questão da escrita e organização que deveriam ser refeitos, alguns grupos reescreveram seus textos em torno de três a quatro vezes nesse dia. Havia muitas dúvidas também com relação a confecção dos mapas.</p>

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL Programa de Pós-Graduação em Geografia Linha de Ensino de Geografia Orientadora: Ivaine Maria Tonini Aluna: Élide Pasini Tonetto
Diário de Campo 5
Pesquisa: Redes Sociais e Práticas Escolares: Plataformas para uma Geografia <i>online</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Instituição participante: Escola Estadual de Ensino Médio Arthur da Costa e Silva • Turma participante: 2º ano do Ensino Médio, identificação: 211. • Nº de alunos: 18 • Período de Observação: 02/08/2013 a 10/09/2013

Data	Espaço da Escola observado	Observações
30/08/2013	Laboratório de Informática LABIN	<p>Nessa aula o trabalho seria postado na página da Prefeitura Municipal de Capivari do Sul, fiz a primeira postagem informando a prefeitura do que se tratava, também fiz uma comunicação à direção da escola.</p> <p>Alguns grupos postaram, outros ainda estavam finalizando o trabalho, aqueles que postavam imediatamente começavam a campanha para que os colegas “curtissem” sua publicação.</p> <p>Uma aluna que fez seu trabalho sobre o município vizinho (Palmares do Sul) postou seu trabalho na página do próprio Prefeito, pois a prefeitura não possuía página oficial.</p> <p>À tarde alguns alunos começaram a me chamar no bate-papo do <i>Facebook</i> e fazer comentários sobre as repercussões do trabalho, alguns alunos retiraram seus trabalhos, pois perceberam erros e resolveram reorganizar e postar novamente. Um dos secretários municipais da Prefeitura ao ver os trabalhos e suas repercussões nos informou que levaria as propostas a conhecimento do Prefeito e demais secretários na reunião que ocorreria naquela tarde na Prefeitura.</p>

ANEXO 4

A seguir estão todos os trabalhos construídos no decorrer das práticas escolares.

Trabalho 01

 30 de agosto 

A RÓTULA RSC 101 PEDE SOCORRO

A rótula da RSC 101 de Palmares do Sul pede socorro, pois a visibilidade é precária, além de não ter sinalização, o letreiro com o nome da cidade acaba prejudicando, pois fica quase impossível enxergar os carros que vêm e vão, e muitas vezes motoristas apressados e inconsequentes acabam ocasionando acidentes e muitos com vítimas, é triste saber que muitas vezes saímos para trabalhar ou passear e por um descuido podemos não retornar as nossas casas. Mas esse problema tem solução é só as autoridades junto com o DAER se conscientizarem e colocar uma lombada eletrônica com a velocidade máxima permitida de 40 km/h à 50 metros antes da rótula, com isso os motoristas de ambos os sentidos terão que reduzir a velocidade, onde a consciência irá ajudar ou terão que pagar multas e mexendo no bolso muitos com certeza sentirão e começarão a se conscientizar que a vida vale muito mais que a pressa. Então autoridades que tal se mobilizar e dar socorro à rótula da RSC 101.

Nós alunos _____; da Escola Arthur de Capivari do Sul estamos re: _____ urbana juntamente com a professora Éilda Pasini Tonetto como objetivo trazer melhorias para nossa cidade. — com Paulo Lang.

Curtir (desfazer) · Comentar · Compartilhar  23  2

Trabalho 02



o futuro Parque

estamos realizando um trabalho sobre Geografia Urbana. No decorrer da construção deste trabalho nos deparamos com a notícia de que está sendo negociada a compra de 27 hectares de terra localizada às margens do Rio Capivari, com o propósito de futuramente mudar o Parque de Eventos para este local. Baseado nesta informação, pensamos na proposta de um possível transporte, com valor bem acessível, que poderia levar a população de Capivari até esta localidade, pois ficará difícil o acesso aos moradores, que terão que se deslocarem em torno de 5 km para participarem dos futuros eventos que acontecerão no novo Parque, como por exemplo, o Rodeio e a Expofera. Sugerimos que esse transporte seja um ônibus turístico, que poderia ser usado em datas festivas, entre outras ocasiões, como passeios e trabalhos escolares. E por ser um transporte com fins turístico, poderia ser personalizado com temas históricos de Capivari. Em épocas em que não estiver ocorrendo eventos no Parque este ônibus poderia funcionar por meio de agendamento, para que os diferentes grupos possam utilizá-lo, como já dissemos ele pode ter vários usos: turísticos, lazer, educativos e etc.

Desde já agradecemos a atenção! E esperamos que um  Escreva um comentário...

Fotos de Prefeitura Municipal de Capivari do Sul    

Trabalho 3

Grades nas bocas de lobo de Capivari do Sul

Nós alunos do 2º ano, estamos fazendo um trabalho com a professora de Geografia Élide Pasini Tonetto, sobre Geografia Urbana, temos que pensar em um problema da cidade e sua possível solução.

Pensamos na seguinte problemática:

- Em muitos bueiros percebe-se o acúmulo de resíduos e estes acabam entupindo o sistema de esgoto.

Já sabemos que existe uma previsão no plano de saneamento do município, mas gostaríamos de ressaltar.

A solução para este problema é a colocação de grades, assim como em algumas cidades que já estão colocando ou já colocaram para evitar riscos graves, também evitaria uma série de problemas e economizaria na limpeza.

Colocando primeiro em ruas com calçamento, para evitar de tirar as grades depois, caso façam calçamento nessas ruas.

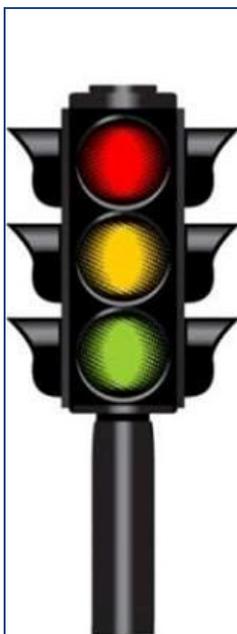


Errado



Ideal

Trabalho 04



Semáforo

A partir do trabalho realizado sobre Geografia Urbana com a Professora Élide Pasini, nós alunos, _____ estamos estudando a hipótese da instalação de um semáforo no trevo da RS 040 entre a RSC 101, localizado em Capivari do Sul. Nossa proposta é para que funcione somente no período do verão, pois o movimento é intenso e os automóveis não param para a passagem dos pedestres nem para outros veículos.

O semáforo poderia ficar 30 segundos fechado, assim já facilitaria bastante a passagem das pessoas sem que houvesse tumulto. Pensamos que com a implantação deste semáforo todos respeitariam mais os pedestres para a passagem dos mesmos e diminuiria os acidentes nesse período do ano.

Trabalho 05



Nós do distrito de Santa Rosa estamos percebendo que nos últimos tempos as pessoas e as crianças estão passando por dificuldades para atravessar a RS 101, especialmente em frente a escola. O excesso de velocidade é tão grande que nem as faixas de segurança que existem estão sendo respeitados, tem carros que passam a mais de 100 KM/H onde deveriam passar a 50 KM/H.

Preocupados com este problema nós da comunidade já fizemos um abaixo sinado nele se encontram de 50 assinaturas de moradores que queremos tentar amenizar as imprudências de transito que ocorrem diariamente no local.

Nós consideramos que se fosse instalado um pardal ou uma lombada eletrônica ajudaria a diminuir o excesso de velocidade, porque os redutores que existem no local não estão contribuindo para isso.

Usando a oportunidade de um trabalho de geografia urbana, com a professora Eida na Escola Arthur, nós alunos do 2º ano 211 aproveitamos para demonstrar essa grande preocupação da nossa comunidade.

Escreva um comentário...

Trabalho 06



de Capivari do Sul
30 de agosto

Iluminação pública no Jardim Formoso...

Andando pelo bairro Jardim Formoso ao anoitecer, percebemos que em muitas ruas há falta de iluminação. Em algumas, existem os postes em quantidade suficiente, porém estão com falta de lâmpadas. E em outras, que já estão totalmente habitadas, ainda não foram colocados os postes e iluminárias necessárias, o que causa uma grande preocupação quanto a segurança de nossa população.

Nós alunos do 2ºano/211 gostaríamos que a prefeitura analise nosso trabalho, e que tomasse alguma medida para normalizar esta situação, e melhorar a segurança do nosso bairro.

Samuel Pinheiro e Ruan Pajares

Curtir (desfazer) · Comentar · Compartilhar

Você, Ana Paula Nunes Teodoro, Isadora Lermen, Ruan Pajares e outras 8 pessoas curtiram isso.

1 compartilhamento

Escreva um comentário...

Trabalho 07



Em função do tamanho do texto, não foi possível visualizá-lo, segue a seguir o texto na íntegra.

CÃES ABANDONADOS EM CAPIVARI DO SUL

Esta proposta faz parte de um trabalho de Geografia Urbana com o uso do Facebook, orientado pela professora Élide Pasini Tonetto, com os alunos do 2º ano do ensino médio, turma 211 da Escola Estadual Arthur da Costa e Silva. Nosso grupo gostaria de sugerir ideias para um problema que não acontece somente em Capivari do Sul, mas em toda a região do Litoral Norte gaúcho: cães soltos nas ruas da cidade.

Além de incomodar muitas pessoas, podemos destacar alguns problemas gerados pela permanência dos animais soltos em vias públicas: “transmissão de doenças (como a raiva), mordeduras, acidentes de trânsito e poluição sonora” (ARCA BRASIL, 2005); Assim como a proliferação de pulgas e carrapatos. Na Escola Arthur chegamos a registrar a entrada de aproximadamente 15 cachorros, perturbando os alunos e muitas vezes ocorrendo brigas entre esses animais próximos as pessoas, colocando-as em uma situação de risco.

Mas o principal problema é a falta de consciência por parte das pessoas que fazem de um problema particular um problema de toda a população e a sua responsabilidade acaba sendo transferida para os órgãos públicos. Milton Haack, secretário de Meio Ambiente de Tramandaí, concluiu que: “O fundamental é a

consciência das pessoas. Na realidade, o serviço público é muito cobrado, mas, se a sociedade não quiser, não tem serviço que vai funcionar”.

Poderíamos sugerir a instalação de um canil, porém tal medida se torna praticamente inviável pelo porte da cidade, seu alto custo e ainda pela possibilidade de aumento do problema (pessoas de outra cidade poderem vir abandonar os cães em Capivari por saberem da existência do canil). Sugerimos que a Prefeitura Municipal (em uma ação conjunta entre as Secretarias da Agricultura e Meio Ambiente, da Educação e da Saúde e Assistência Social) realize as seguintes ações para reduzir o número de cães nas ruas:

- Fazer campanhas de conscientização da população sobre a posse responsável (iniciando com os alunos e depois passando para o restante da comunidade);

-Disponibilizar castração a baixo custo;

-Convênio ou contratação de um Veterinário para monitoramento das ações;

-Realização periódica de feiras de adoção, com ampla divulgação na comunidade.

Quem gostou curte!

Quem tiver mais sugestões comente, para em conjunto termos uma cidade mais limpa e saudável...

Agradecemos desde já e aguardamos providências!